

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro das Artes

Curso de Dança Licenciatura



Trabalho de Conclusão de Curso

O lúdico e a dança:

olhares das licenciadas em Dança que atuam em escolas da rede pública de
Pelotas/RS

Joice Soares Rodrigues

Pelotas, 2018

JOICE SOARES RODRIGUES

O lúdico e a dança:

olhares das licenciadas em Dança que atuam em escolas da rede pública de
Pelotas/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Dança – Licenciatura da
Universidade Federal de Pelotas, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Dança.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Helena Thofehrn Lessa Stumpf

Pelotas, 2018

Joice Soares Rodrigues

O lúdico e a dança: olhares das licenciadas em Dança que atuam em escolas da rede pública de Pelotas/RS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em Dança, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 14/12/2018

Banca examinadora:

.....
Prof^a. Dr^a. Helena Thofehrn Lessa Stumpf (Orientadora)
Doutora em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas

.....
Prof^a. Dr^a. Helene Gomes Sacco
Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Prof. Me. Robson Teixeira Porto
Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Agradeço e dedico este trabalho à minha mãe Solange, minha vó Honorina e ao meu namorado Evandro, que sempre estiveram comigo durante esta trajetória dançante me dando apoio, incentivando minhas ideias e sonhos.

Aos meus tios Fabio e Cristiane por investirem no meu futuro e acreditarem no meu potencial. Sou muito grata a vocês.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), pela aproximação com a Dança na escola de um modo muito intenso, fazendo com que eu me descobrisse professora.

À minha querida orientadora Helena pelo carinho e atenção durante esse processo, por incentivar a minha criatividade e mergulhar junto comigo no mundo da ludicidade, fazendo com que minhas ideias se tornassem realidade.

RESUMO

RODRIGUES, Joice Soares. **O lúdico e a dança**: olhares das licenciadas em Dança que atuam em escolas da rede pública de Pelotas/RS. 2018. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Dança – Licenciatura) – Curso de Dança – Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

A presente monografia, de abordagem qualitativa, buscou investigar se e como é feito o uso da ludicidade nas aulas de licenciadas em Dança que atuam em escolas da rede pública de Pelotas. Nesse sentido, o objetivo geral do trabalho foi analisar se e como é empregado o uso do lúdico nas aulas de dança, buscando de forma específica discutir possibilidades de relação entre a ludicidade e a dança na escola, assim como entender, comparar e problematizar o modo como cada professora de dança utiliza a ludicidade em suas aulas. Para o embasamento dessa pesquisa foram utilizadas principalmente as teorias de Barreto (2005), Corrêa (2013; 2014; 2018), Strazzacappa (2001), Canda (2006), Huizinga (2000) e Marques (2008). O presente trabalho se enquadra como um estudo de caso, pois o enfoque da pesquisa esteve em duas professoras licenciadas em Dança que atuam na disciplina de Artes em escolas públicas na cidade de Pelotas. Para a obtenção dos dados foi desenvolvido um roteiro com questões e foi realizada uma entrevista semi-estruturada com cada participante. Após a análise das respostas das entrevistas, bem como o cruzamento com as fontes teóricas, foi possível perceber que as professoras utilizam o lúdico de diferentes formas em suas aulas: como um aquecimento, como um elemento para construção coreográfica, como meio para a aprendizagem de um conteúdo ou a brincadeira pura. Também foi identificado o cuidado por parte das professoras em equilibrarem sua participação nas atividades com os alunos e seu olhar externo enquanto condutoras das atividades. Além disso, a pesquisa foi importante para desmistificar a visão estereotipada acerca do lúdico, visto que ao usar jogos e brincadeiras na aula de dança estamos estimulando corpos lúdicos, que são corpos livres e que brincam, a serem corpos expressivos.

Palavras-chave: docência; corpo; ludicidade.

ABSTRACT

RODRIGUES, Joice Soares. **The ludic and the dance:** views of the graduates in Dance that work in public schools in the city of Pelotas/RS/Brazil. 2018. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Dança – Licenciatura) – Curso de Dança – Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

The present monograph has a qualitative approach and sought to investigate if and how the use of ludicity in classes of Dance graduates that work in Pelotas's public schools is done. The general objective of the work was to analyze if and how the use of ludic in dance classes is used, specifically seeking to discuss possibilities of the relationship between ludicity and dance in school, as well as to understand, compare and problematize the way as each dance teacher uses it in her classes. The basis of this research were especially the theories of Barreto (2005), Corrêa (2013, 2014, 2018), Strazzacappa (2001), Canda (2006), Huizinga (2000) and Marques (2008). The present work is a case study, since the research focus was on two licensed teachers in Dance that work in the discipline of Arts in public schools in the city of Pelotas. In order to obtain the data, a script with questions was developed and a semi-structured interview was conducted with each participant. After analyzing interviews' answers, as well as its crossing with theoretical sources, it was possible to perceive that the teachers use the ludic in different ways in their classes: as a warming exercise, as an element for choreographic construction, as a means for learning a content or simply as a pure play. It was also identified the care taken by the teachers in balancing their participation in the activities with the students and their external look as conductors of the activities. In addition, the research was important to demystify the stereotyped view about the ludic, since that once games are used in the dance class, ludic bodies, which are free and play, are being stimulated to become expressive bodies.

Keywords: teaching; body; ludicity.

Sumário

Quem sou eu?!	8
1 Introdução.....	10
2 Dançando no chão de cimento: uma breve contextualização sobre a dança na escola.....	13
3 A professora lúdica na escola.....	19
4 Corpo lúdico: uma aula de dança pode ser lúdica?	24
5 Caminhos percorridos.....	28
6 Olhares das professoras sobre a ludicidade na dança	31
Referências	45
Apêndices.....	47

Quem sou eu?!

Meu primeiro contato com dança foi durante o terceiro ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Doutor Balbino Mascarenhas. Por muita insistência da minha mãe, entrei para o grupo de dança com fitas. Participei durante um ano do grupo fazendo apresentações junto com a banda da escola em vários locais e celebrações que ocorreram durante aquele ano aqui em Pelotas.

Lembro que foi feita também uma apresentação somente do grupo de fitas no Colégio Municipal Pelotense. Nesse dia, tive minha primeira experiência com o palco e uma plateia me observando. Aconteceu tudo tão rápido que quando fui me dar conta já tinha terminado a apresentação. Lembro que antes de começar a apresentação eu estava bem nervosa, mas na hora de dançar tudo passou. Depois de um ano comecei a achar cansativo, pois os ensaios estavam acontecendo em horário de aula, ou seja, ou eu ensaiava ou assistia às aulas e, por isso, acabei decidindo sair do grupo.

Depois de toda a minha trajetória escolar, fui pensar em dança novamente somente no último ano do ensino médio, quando começamos a projetar o que fazer depois que terminar a escola. Comecei a planejar o que iria fazer e escolhi cursos nas universidades de Pelotas que tivessem algum sentido para mim. Elenquei cinco cursos que eu tinha interesse: 1º Arquitetura e Urbanismo, 2º Moda, 3º Artes Visuais, 4º Arqueologia e 5º Dança.

Com essa lista pronta, fui conhecer os cursos para saber se era aquilo que eu queria. Minha primeira decepção foi com os cursos de Arquitetura e Moda, primeiro porque não teria dinheiro para bancar os cursos que estavam disponíveis na Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e segundo porque me deparei com algo totalmente diferente do que eu imaginava. Seguindo com a lista, tentei Arqueologia como primeira opção na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e até hoje me pergunto o porquê de ter escolhido esse curso – acho que ser fã do filme *Jurassic Park* deve ter influenciado um pouco – e como segunda opção escolhi a Dança porque era algo que estava presente na minha infância e que eu gostava também.

Passei para o curso de Dança. E agora?! Quando cheguei no curso confesso que não tinha ideia alguma do que iria acontecer, principalmente por se tratar de um curso de licenciatura, algo que eu jamais consegui me imaginar: ser professora.

Minha ficha só foi cair quando comecei o primeiro estágio porque foi quando eu passei a me sentir professora e entender o significado disso. Foi também no primeiro

estágio que tive contato com a temática lúdico, brincadeiras e jogos juntamente com a dança. Desde então não consegui me desvincular desse tema. Ele se fez presente também no meu segundo estágio onde trabalhei com brincadeiras lúdicas com um cunho mais folclórico e no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)¹, onde explorei a dança através de brincadeiras lúdicas que instigam a imaginação e as movimentações corporais dos alunos, fazendo com que conseguissem trabalhar suas habilidades cognitivas brincando.

Acho importante destacar a minha trajetória no PIBID, pois foi neste programa onde mais trabalhei com a ludicidade e a dança na escola. Durante os três anos que atuei no PIBID todos os projetos que desenvolvi dentro dele foram vinculados à temática lúdica, até porque não conseguia enxergar outra forma de trabalhar com dança nos anos iniciais do ensino fundamental se não fosse por meio de brincadeiras.

Inicialmente foi difícil compreender a relação do lúdico na dança e como eu poderia ministrar aulas e oficinas utilizando esses temas. Comecei levando brincadeiras onde os alunos poderiam exercitar seu imaginário e também trabalhassem os membros do corpo, ou seja, queria que as brincadeiras fossem as mais corporais possíveis. Muitas vezes refleti se, levando esse tipo de atividade eu estaria trabalhando a dança, meu medo era de que eu não estivesse trabalhando com dança, mas somente com brincadeiras. E hoje, depois de estar quase concluindo o curso, afirmo que posso trabalhar atividades lúdicas, como brincadeiras e jogos nas minhas aulas de dança, e que sempre trabalhei e irei trabalhar. A dança sempre esteve ali, indiretamente nas aulas, nas movimentações dos alunos, nas conversas finais, onde eu explicava que dança não é só reprodução de passos, quando os alunos me pediam para voltar com mais atividades.

Tudo isso me faz perceber como essa temática do lúdico e sua relação com a dança é importante para mim, o que acaba sendo um tema muito prazeroso de ser estudado e explorado, pois vai diretamente ao encontro com o que venho trabalhando durante a minha trajetória no curso de Dança - Licenciatura.

¹ O PIBID é um Projeto de Ensino que concede bolsas a alunos de cursos de licenciatura e possui parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino.

1 Introdução

O desejo de aprofundar o conhecimento sobre as brincadeiras, os jogos e a ludicidade despertou o interesse pela pesquisa sobre o lúdico na dança, buscando investigar de que forma ele é trabalhado na sala de aula por professoras licenciadas em Dança que atuam na cidade de Pelotas - RS.

Embora o lúdico esteja presente no cotidiano, ele abre potencialidades de ser explorado de diferentes formas, o que faz com que a ludicidade seja muito utilizada na dança por meio de jogos e brincadeiras, onde os alunos se tornam corpos brincantes. No entanto, se engana quem pensa que a ludicidade é sinônimo de brincadeira apenas. Na dança, existem múltiplas maneiras de se exercitar o lúdico como, por exemplo, ele pode aparecer como elemento de composição coreográfica, como meio de aquecimento corporal, como modo de acessar um estado corporal, entre outras opções.

Considerando tais possibilidades, o presente trabalho tem como tema o uso do lúdico nas aulas de dança e aborda, especialmente, professoras licenciadas em Dança que atuam na disciplina de Artes na rede pública de Pelotas – RS. Para isso foi necessário pesquisar como é constituído o lúdico segundo alguns pensadores e estudar desde seu contexto histórico até as aulas de dança nas escolas de Pelotas, assim como eleger professoras licenciadas em Dança para a realização de entrevistas a fim de alcançar os objetivos desse trabalho.

O desenvolvimento desta pesquisa foi baseado em alguns questionamentos que surgiram e nortearam a construção de todo o trabalho. As licenciadas em dança utilizam atividades lúdicas em suas aulas nas escolas públicas de Pelotas? Se sim, como é feito o uso do lúdico durante essas aulas? A partir destas perguntas norteadoras, o objetivo geral do trabalho foi analisar se e como é empregado o uso do lúdico nas aulas de dança de professoras que atuam nas escolas públicas de Pelotas. Os objetivos específicos foram: discutir possibilidades de relação entre a ludicidade e a dança na escola; identificar o uso do lúdico no ensino de dança nas escolas públicas na cidade de Pelotas; entender, comparar e problematizar o modo como cada professora de dança utiliza a ludicidade em suas aulas nas escolas públicas de Pelotas; e desenvolver material didático envolvendo atividades lúdicas em dança direcionado aos(as) professores(as).

O presente trabalho se trata de uma pesquisa qualitativa e se enquadra como um estudo de caso, pois o enfoque da pesquisa está nas professoras de Dança. Foi feito o uso de entrevista semi-estruturada, em que duas professoras licenciadas em Dança que atuam em escolas da rede pública de Pelotas foram entrevistadas. Ao final foi feita uma análise comparativa, em que destacaram-se as principais diferenças e semelhanças sobre o uso do lúdico nas aulas dessas professoras.

O tema tratado nesse trabalho se faz importante para proporcionar a reflexão sobre minhas próprias práticas durante os estágios e no PIBID, onde acredito que o lúdico se fez bastante presente. Penso que essa busca para entender como é feito o uso do lúdico nas aulas das professoras licenciadas em Dança enriquece a minha formação como futura professora e como pesquisadora da área de dança. Uma das motivações para a realização dessa pesquisa é a expectativa de trazer um olhar ampliado sobre o papel da ludicidade na dança, desvinculado de pensamentos equivocados que entendem o lúdico na dança apenas como uma prática recreativa sem fundamentos. Além disso, pode contribuir para a utilização do lúdico nos processos de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, esse trabalho busca refletir de forma mais sensível sobre a importância de se trabalhar com a ludicidade na dança, onde veremos que o(a) professor(a) tem um papel crucial para a proposição de atividades lúdicas.

Para uma melhor compreensão do trabalho que será lido, descrevo aqui como foi organizada sua estrutura:

O segundo capítulo, na sequência dessa introdução, traz um breve panorama sobre a inserção da dança no contexto escolar, discutindo as principais contribuições que a dança pode trazer quando inserida na escola e como ela pode ser proposta de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais e os Referenciais Curriculares Estaduais.

No terceiro capítulo veremos o lúdico desde os seus primórdios, ou seja, será feita uma contextualização do seu surgimento e seu significado segundo diferentes autores. A seguir é trazido como o elemento lúdico pode estar inserido na escola e suas principais contribuições para o(a) docente que faz uso desta prática, apresentando possibilidades de como o(a) professor(a) de dança pode trabalhar o lúdico em suas aulas.

No quarto capítulo são abordadas as relações que existem entre a ludicidade e a dança, sendo explicado o que é o corpo lúdico e discutindo esse corpo como protagonista de atividades lúdicas na escola.

No quinto capítulo está descrita a metodologia, ou seja, os caminhos percorridos para alcançar os objetivos desta pesquisa. Neste capítulo está a explicação de cada etapa, identificando o tipo de pesquisa, os sujeitos estudados e como se deu o processo de investigação para chegar à conclusão do trabalho.

No sexto capítulo está a análise dos dados, onde veremos os olhares das professoras licenciadas em Dança obtidos a partir das entrevistas que foram realizadas. Por meio das respostas das professoras foi feita uma análise comparativa a fim de descobrir as relações e distanciamentos sobre o uso do lúdico em suas práticas.

No sétimo e último capítulo está a conclusão desta pesquisa onde exponho o que mais marcou durante todo o processo de realização deste trabalho de conclusão de curso juntamente com minhas impressões de pesquisadora a respeito de todo o processo, fazendo, assim, o fechamento do trabalho.

Exposto isso, vamos começar nossa jornada em busca da ludicidade na dança?

2 Dançando no chão de cimento: uma breve contextualização sobre a dança na escola

Neste capítulo será feito um breve panorama sobre a inserção da dança no contexto escolar, descrevendo como começou essa jornada segundo as autoras Barreto (2005), Corrêa (2013; 2014; 2018), Latuada (2012) e Strazzacappa (2001). Em seguida, veremos as principais contribuições que a dança pode trazer quando inserida na escola e como ela pode ser proposta segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997) e os Referenciais Curriculares Estaduais (RIO GRANDE DO SUL, 2009).

Caro(a) leitor(a), para começar, vamos falar um pouco sobre a escolha da dança como profissão? Ao adentrar nesse mundo “dancístico”, encontramos uma variedade de possibilidades de atuação. De forma resumida, temos o ensino não formal em cursos livres, academias e grupos de dança, e o espaço universitário, onde encontramos cursos de Dança voltados para o bacharelado ou licenciatura. Segundo Corrêa e Nascimento (2013):

Em relação ao ensino, o artista da dança pode atuar como professor em cursos livres, academias, estúdios e escolas de dança, clubes, fundações e outras organizações, mas, para atuar na Educação Básica, assim como acontece com as outras áreas do conhecimento, necessita de um diploma de Graduação. O Ensino Superior da Dança pertence à área de Artes e tem suas próprias Diretrizes Curriculares organizadas pelo Ministério da Educação. (CORRÊA; NASCIMENTO, 2013, p. 56)

Assim, a dança possui essas duas vertentes possíveis em relação ao ensino: o ensino não formal e o ensino formal. Uma das diferenças entre esses dois termos é que para atuar como professor(a) no ensino formal é necessário ter a formação no curso de licenciatura em Dança. E é aqui que entramos no nosso assunto principal: o(a) professor(a) licenciado(a) em dança que quer atuar no ensino formal, ou seja, na escola.

A pergunta inicial que instigo e respondo para vocês é: como e quando a dança apareceu na escola? De acordo com Corrêa, Hoffmann e Jesus (2018), a dança sempre esteve presente no ambiente escolar:

De alguma forma, a dança está presente na vida escolar. Mesmo em períodos históricos de repressão e com tantas iniciativas para manter o corpo do aluno sentado na classe da sala de aula houve, e cremos, sempre haverá, dança na escola. (CORRÊA; HOFFMANN; JESUS, 2018, p.193)

A dança teve seu espaço dentro da escola garantido a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996 (LDB 9.394/1996) que representou um marco na história da educação brasileira, principalmente na área das artes. A Lei determina: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (PORTAL DA CASA CIVIL, 2010, p.1).

É importante ressaltar as mudanças que ocorreram nesta lei durante o passar dos anos, em relação ao ensino de artes na escola, como citam os autores Corrêa, Hoffmann e Jesus (2018):

Em 2008, foi sancionada a Lei nº 11.7697 que, com o acréscimo do parágrafo 6º no artigo 26, torna a música conteúdo obrigatório, mas não exclusivo no ensino de artes na educação básica. Esta obrigatoriedade perdurou por 8 anos quando, em 2016, a promulgação da Lei nº 13.278 institui: “As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo”. (CORRÊA; HOFFMANN; JESUS, 2018, p. 199)

Com essas mudanças, o ensino de dança na educação básica passou a ser obrigatório, representando uma conquista para quem atua na área e percebia seu trabalho limitado no ambiente escolar por não fazer parte do componente curricular². Outro marco importante para fortalecer o ensino de dança nas escolas foi a criação dos PCNs, como descrevem as autoras Corrêa e Nascimento (2013):

Com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino da Dança (1997), a representação política da classe profissional é fortalecida, o que instigou, desde 1997 até hoje, a expansão da dança no ambiente escolar, pois, o entendimento do papel da arte na escola, assim como a formação e habilitação de novos profissionais, possibilita a entrada do professor de dança neste ambiente de modo oficial e instituído. (CORRÊA; NASCIMENTO, 2013, p. 57)

Como podemos perceber, a dança conseguiu expandir seu campo de atuação devido a criação de leis específicas para a nossa área, o que é reflexo do trabalho qualificado dos trabalhadores da nossa classe. No entanto, a luta continua, visto que a profissão de docente de dança se encontra em adaptação e em constante

² É importante salientar o ar de incerteza atual em relação ao ensino obrigatório das artes em geral na escola. A área encontra-se em evidente desvalorização, tanto por parte do governo vigente quanto pela implementação da Base Nacional Curricular Comum.

juízo, sendo muitos os fatores influentes para que essa profissão seja desvalorizada em alguns ambientes, como apontam as autoras a seguir:

Acreditamos que o campo profissional para o professor licenciado em dança ainda está em adaptação para o recebimento deste novo perfil profissional. Pelo fato de que muitas pessoas sem formação específica ainda trabalham com dança, muitos espaços não acreditam ser necessária esta titulação para o ensino. Em algumas escolas da rede privada de ensino, são os próprios alunos que propõem atividades artísticas. É fato que há uma carência de professores formados, mas, por outro lado, há também o desconhecimento deste profissional, sendo assim, a dança ainda é encarada, na maioria dos casos, como uma atividade ornamental junto ao restante do currículo. (CORRÊA; NASCIMENTO, 2013, p. 59)

Conforme discutido ao longo do texto, a dança na escola ainda está em processo de consolidação do seu espaço, o que é muito diferente se comparada com outras áreas das artes que já têm o seu lugar no ambiente escolar há mais tempo, como descreve Latuada (2012):

Neste sentido, compreende-se a Dança no contexto escolar, um tanto quanto desprivilegiada em relação a outras áreas de conhecimento. Inclusive, em comparação com outras linguagens artísticas a Dança ainda não tem o seu lugar legitimado. É uma luta, um desafio para nós, licenciandos em Dança ocupar um espaço digno para a nossa área. (LATUADA, 2012, p. 13).

Atualmente, mesmo que ainda vagarosamente, a dança vem firmando o seu espaço – tanto físico quanto em relação à legitimação da área – no meio escolar. Diante desse pensamento, mesmo tratando-se de um pequeno espaço na escola, é necessário pensar em alguns questionamentos que poderão surgir durante essa jornada que chamo de “Dançando no chão de cimento”³, em que vamos para a prática da dança na escola. Esses questionamentos são: quais os conteúdos específicos da dança? Como podem ser ensinados? Por que ensinar dança na escola?

Tais questionamentos são trazidos por Barreto (2005) para ajudar os(as) professores(as) licenciados(as) em dança que atuarão nas escolas. Em seu livro, a autora propõe uma sistematização de respostas para as três perguntas de modo a incentivar a reflexão sobre a prática docente.

Em relação ao *porquê* ensinar dança na escola, Barreto (2005) aponta que ela pode trazer inúmeras vivências corporais, estéticas e pessoais para os alunos,

³ Alusão à expressão usada por Márcia Strazzacappa em seu texto “Dançando na chuva... E no chão de cimento” encontrado no livro O ensino das Artes: Construindo Caminhos de Sueli Ferreira.

podendo, assim, ampliar a expressividade corporal. Ainda, outro ponto a ser ressaltado é que a dança na escola pode desenvolver a apreciação e a fruição estética, tornando os alunos mais sensíveis e críticos.

Quanto ao *como* ensinar dança na escola, a autora expõe diretrizes de ação pedagógica para a prática do ensino de dança, mas deixa claro que essas diretrizes não são regras e, portanto, podem ser modificadas e desconstruídas:

Que estas diretrizes não sejam seguidas como “receitas” fechadas, mas que sejam o início de uma reflexão, de uma criação que pode ser ampliada, “mexida”, recriada e transformada. Se forem aplicadas, que não fiquem “desencarnadas” do pensamento e do sentimento, que são elas próprias. Que permitam ao educador e ao educando serem criadores e imaginativos, capazes de construir uma ação crítica, livre e transformadora, onde quer que estejam. (BARRETO, 2005, p. 130)

A autora nos propõe que essa ação crítica, criativa e transformadora pode inverter a ideia de uma escola que aprisiona o corpo e o movimento, elementos importantes na formação dos alunos. A proposta de Barreto é de uma “escola palco” onde o(a) professor(a) não deve ser impositor(a) de regras, mas possibilitar uma relação de troca de saberes entre educadores e educandos.

Para que essa proposta de se ter mais movimento na escola seja possível, precisamos ter conhecimento de *o que* ensinar na escola, ou seja, quais são os conteúdos específicos da área da dança. Um dos recursos que podemos usar como uma orientação para esses conteúdos são os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul, os quais disponibilizam atividades voltadas para a dança, especificando quais os conteúdos que serão trabalhados durante a atividade, além de apresentar de forma sistemática para o(a) professor(a) alguns exemplos de como ele(a) pode ministrar a aula e para que etapa de ensino é mais adequada.

Outra forma de pensar sobre os conteúdos e a adequação das faixas etárias é apresentada por Strazzacappa (2001), onde a autora divide o ensino da dança na escola em três grupos:

- Para crianças com menos de oito anos, a dança deve ser trabalhada mais livremente, explorando o corpo, os movimentos, o ritmo, através de atividades lúdicas como brincadeiras e jogos, onde a criança é incentivada a representar diferentes personagens;
- Para crianças de 8 a 10 anos, a dança pode ser trabalhada por meio da exploração de jogos onde os movimentos poderão ser mais definidos.

Neste período, pode-se começar a trabalhar com diferentes estilos de dança, podendo ser feito através de fotos e vídeos de coreografias;

- Para adolescentes a partir dos 11 anos a dança pode ser vista mais especificamente, podendo ser trabalhada tanto racionalmente quanto corporalmente, com a presença de passos e técnicas mais específicas, tentando passar por diferentes estilos, mas sem se focar num específico.

Apesar dessas sugestões de trabalho, é importante ressaltar que na prática pode ocorrer de forma diferente, pois a magia de ser professor(a) é poder se reinventar, principalmente quando nos deparamos com imprevistos durante as aulas. De acordo com o pensamento das autoras Corrêa e Santos (2014):

O professor de dança na escola teria como desafio configurar uma metodologia de ensino própria, embasada na sua experiência enquanto artista e educador e na relação pedagógica estabelecida com os estudantes, a quem caberá atribuir sentido às práticas de sala de aula. (CORRÊA, SANTOS, 2014, p. 521)

Ao se trabalhar com uma metodologia de ensino própria, o(a) professor(a) teria que ter a preocupação de estabelecer essa conexão entre seus saberes docentes e artísticos e o momento de aprendizado com os alunos. E é nesse momento, caro(a) leitor(a), que peço licença para compartilhar a minha vivência enquanto discente do Curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas.

Após passar por todo o trajeto pedagógico do curso e por projetos de ensino que me propiciaram vários aprendizados como professora de dança em escolas, afirmo que sempre trabalhei nas aulas com uma metodologia de ensino própria, buscando em minhas vivências possibilidades de atividades que também trabalhassem os conteúdos de dança. Um dos projetos que influenciou bastante na minha formação foi o PIBID, onde atuei durante três anos como bolsista. Durante esse período de atuação elaborei muitos projetos e oficinas voltados aos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas de Pelotas e que traziam sempre a integração da dança com o lúdico, através de jogos e brincadeiras corporais.

Nesse processo um vínculo muito forte com o lúdico surgiu, me possibilitando diversos modos de trabalhar com a dança em sala de aula e ainda permitindo que eu pudesse participar também da atividade juntamente com os alunos. Nos momentos em que me desprendia um pouco do papel de guiadora da brincadeira, percebi que estava

trabalhando o meu estado lúdico como professora e isso auxiliava a instigar os alunos, deixando-os mais motivados e interessados a mergulharem nas brincadeiras.

Então, para você, leitor(a), que está interessado em descobrir o que é esse lúdico que me inspira e que pode propiciar diversas formas de se trabalhar com a dança na escola, me acompanhe para o próximo capítulo.

3 A professora⁴ lúdica na escola

Neste capítulo, a prática lúdica será abordada desde os seus primórdios, trazendo, assim, um breve panorama sobre o seu surgimento e seu significado segundo diferentes autores. Em seguida, veremos como o elemento lúdico pode estar inserido na escola e suas principais contribuições para a docente que faz uso desta prática em suas aulas. Finalizando este capítulo, veremos a relação entre a professora de dança e a ludicidade, apresentando possibilidades de como a professora desta área pode trabalhar o lúdico em suas aulas.

O lúdico se faz presente na vida dos seres humanos há muitos anos, como campo de conhecimento presente em todas as épocas, sociedades e culturas. Através dele podemos ver um caminho de várias possibilidades de concepção de conhecimentos, como a expansão da visão de mundo, proporcionada pela atividade imaginativa e interativa.

Primeiramente, é importante situar o significado filosófico e histórico da palavra *lúdico*, que vem de uma derivação do latim: *ludus* que significa “jogos” e “brincar”. Alguns autores associam o lúdico ao jogo, estudando sua relevância para a educação e desenvolvimento da criança. Segundo Huizinga (2000), o jogo é uma criação cultural histórica que tem suas bases biológicas, ou seja, antigamente o jogo era um tipo de necessidade de preservação da espécie, servindo para busca de alimentos e defesa contra animais maiores. Para o autor, foi por meio do lúdico que o ser humano conseguiu iniciar o seu desenvolvimento de comunicação e se apropriou de conhecimentos sobre o mundo em que vivia, tendo, assim, recursos para a criação de ferramentas para a sobrevivência da espécie. A partir dessas informações, o jogo é determinado pelo autor como uma ação voluntária, tendo uma atenção maior direcionada ao processo de brincar em si do que aos possíveis resultados alcançados.

Caro(a) leitor(a), para melhor compreensão e menor confusão, é válido ressaltar esses dois termos que aparecem no início do texto: o jogo e a brincadeira. Ao longo deste trabalho irei utilizar muito essas duas palavras, as quais podem parecer ter o mesmo significado e se entrelaçam muito na aprendizagem lúdica, mas apesar de estarem relacionados cada termo tem o seu conceito próprio. O jogo é a atividade com

⁴ Optamos por utilizar o termo “professora” (na flexão de gênero feminino) no título e no decorrer desse capítulo porque as integrantes desta pesquisa são na sua totalidade mulheres: a pesquisadora, as professoras entrevistadas e a orientadora.

regras, em que é visível uma disputa, enquanto que a brincadeira é o ato ou efeito de brincar, distrair-se com um brinquedo ou jogo. Entre esses dois termos vemos outra pequena diferença: o jogo é uma brincadeira com regras e a brincadeira é um jogo sem regras. O jogo se origina a partir do brincar, ao mesmo tempo em que é brincar também.

Outro modo de se enxergar o lúdico – que na verdade não enxergamos por meio dos nossos olhos – é através de uma experiência interna, como aponta Canda:

[...] os estudos de Luckesi (2002, 2004) tem uma importante contribuição, pois possibilitam a compreensão da ludicidade como um caráter interno de absorção na realização da atividade e esta absorção nem sempre se apresenta de forma alegre e divertida. (CANDA, 2006, p.178)

A autora traz, com base em Luckesi, que a atividade lúdica pode proporcionar uma experiência para cada sujeito, como por exemplo, a lembrança de um trauma ou uma recordação de uma situação do passado, e que nem sempre essa experiência se mostra feliz e divertida como se costuma ver durante o desenvolvimento de um jogo ou brincadeira lúdica.

A autora Almeida (2018) também cita Luckesi em seu texto, afirmando que uma atividade lúdica pode ir muito além do senso comum:

A respeito do lúdico, Luckesi (2005) afirma que uma atividade lúdica é aquela que propicia a plenitude da experiência, buscando uma entrega total: mental, emocional e física; é um momento de imersão, de mergulho na vivência que vai além do sentido mais simplista do senso comum sobre o riso e a diversão. (ALMEIDA, 2018, p.18)

Como podemos ver, quando trabalhamos com a ludicidade podemos ir muito além do que só proporcionar diversão ou felicidade ao sujeito, tocamos cada um – ou, no caso da escola, cada aluno(a) – de uma forma diferente e nem sempre cada indivíduo responderá à atividade do modo que esperamos: alguns podem odiar e outros podem adorar; vai depender de como cada aluno(a) vai responder internamente e externamente. Numa linha semelhante a essa compreensão, Canda cita que

[...] é necessário salientar que uma mesma brincadeira ou um jogo pode não ser lúdico para um participante e lúdico para outro, pois o grau de envolvimento e de significação do brincar quem constrói é o próprio sujeito. Desse modo, o sujeito pode participar de um jogo, mas não envolver-se com ele, mesmo quando estiver mobilizando o seu corpo; neste caso, a atividade não tem uma representação lúdica para ele, pois a participação foi apenas externa. (CANDA, 2006, p.169)

Assim, vemos que a ludicidade pode ser interpretada de diferentes modos, pois cada sujeito tem um grau de envolvimento e participação durante as atividades. Ainda, a ludicidade pode estar inserida em diversos contextos diferentes, mas no presente estudo daremos maior destaque para o seu diálogo com o ambiente escolar.

Quando o lúdico é praticado na escola, constata-se que a sua aplicação em sala de aula às vezes se dá visando apenas o objetivo de compreensão dos conteúdos. Com isso, o lúdico acaba perdendo uma de suas principais características que é a de vivenciar de forma inteira o processo educativo que as atividades lúdicas podem proporcionar. De acordo com Canda e Souza (2010), as atividades lúdicas e o conteúdo preestabelecido presente nas escolas podem ser trabalhados através de metodologias adequadas para que não se perca o momento lúdico e não se limite à compreensão somente de conteúdos programáticos.

Entrando no âmbito da prática pedagógica desenvolvida nas escolas e utilizada pelas professoras, acabei me deparando com um termo novo, o qual se relaciona com o modo que a docente ministra as suas aulas, chamada de ludopedagogia. Mas o que será isso? Não fique ansioso(a), leitor(a), pois, apesar de ser relacionado com o mundo da ludicidade, não irei me aprofundar acerca deste termo, mas acredito ser válido ressaltar este tipo de prática que pode ser adotada pelas professoras nas escolas, universidades, academias e demais instituições educacionais.

A ludopedagogia é como um segmento da pedagogia dedicado a estudar a influência do elemento lúdico dentro da educação, devendo servir a propósitos pedagógicos e estar alinhada às diretrizes educacionais vigentes e não somente à inserção da brincadeira pura e simples. Ela está bastante ligada à ludicidade pelo simples fato de uma complementar a outra, pois trabalham com brincadeiras e jogos que possibilitam aos alunos uma aula divertida, mas que também foque nos conteúdos programados pelas escolas, universidades e etc.

Em relação à ludicidade, ela é dotada de versatilidade e acaba se moldando às necessidades dos indivíduos brincantes, podendo ser explorada e utilizada de inúmeras formas. Mas, para que isso seja possível, a educadora precisa também ser dotada de flexibilidade para saber se beneficiar da grandeza deste universo. Segundo a autora Pereira:

Muito mais que teorias, técnicas de ensino, metodologias ou uma parafernália lúdica (jogos, brinquedos, objetos...), a presença da ludicidade exige envolvimento afetivo do profissional, sua crença nas possibilidades da sua ação para que não se prenda a uma visão utilitária das atividades lúdicas. (PEREIRA, 2015, p.700)

Para se trabalhar com a ludicidade na escola, precisa-se de muito mais do que só levar atividades; exige entrega ao trabalho que será desenvolvido e deixar de lado o “fazer só por fazer”. A professora precisa estar presente corporalmente e emocionalmente ao se trabalhar o lúdico com os(as) alunos(as), pois, se não tiver esse envolvimento acaba por se tornar somente uma prática recreativa em sala de aula.

Além desta abertura corporal e emocional da docente, é importante conhecer que o lúdico apresenta características importantes. As características apontadas abaixo foram sintetizadas pela autora Cilene Canda (2006) em um estudo sobre a obra de Ramos (2000). São mencionadas seis características que podem aparecer quando a professora desenvolve atividades lúdicas em sala de aula para que o conceito de ludicidade seja melhor compreendido na prática:

- 1) **A liberdade de ação do jogador:** refere-se à capacidade de escolha da atividade lúdica a ser vivenciada pelo participante, bem como a escolha de quando começa ou termina a brincadeira. O caráter de imposição e obrigatoriedade do jogo torna-se contraditório com o sentido de ludicidade que se está trabalhando. Quando o sujeito se sente livre, permite-se à abertura para as circunstâncias de determinada brincadeira;
- 2) **A flexibilidade:** é a capacidade do ser humano reestruturar a atividade que estiver desenvolvendo, ou seja, as regras podem ser modificadas mediante o acordo prévio com o grupo participante da atividade lúdica. A flexibilidade também requer envolvimento do sujeito na atividade, pois para flexibilizar as regras do jogo, o sujeito tem que conhecê-las, refletir sobre elas e traçar possibilidades de alterações quando necessárias;
- 3) **A relevância do processo de brincar:** não há uma preocupação com os produtos, resultados ou o alcance de objetivos previamente estabelecidos. O objetivo da atividade se encerra nela mesma, importando apenas o momento presente de plenitude. Não se brinca buscando a produtividade, pois a única função da brincadeira é a vivência do próprio processo lúdico. É o caminho percorrido na brincadeira que dá sentido à ação do sujeito. Assim, quando se brinca buscando o único propósito de atingir objetivos escolares definidos, o

brincar se torna utilitário e não possibilita que o sujeito se envolva em seu processo;

- 4) **A incerteza dos resultados:** refere-se à impossibilidade do sujeito saber, antecipadamente, o término da atividade e o que será produzido por meio desta, pois o que importa é a ação do presente; o seu final deve ser sempre imprevisível, com a possibilidade de (re)construção pelo próprio sujeito da atividade. Assim, o ganhar ou o perder em determinado jogo é uma consequência da própria ação do jogador e não um condicionante já definido;
- 5) **Controle interno:** A ação de brincar é guiada pelo envolvimento na atividade e quem controla a ação são sujeitos que participam da atividade e não a educadora que estiver trabalhando com a turma. Geralmente, o domínio coletivo das circunstâncias do jogo é definido coletivamente, possibilitando ao grupo pensar, sentir e agir de forma conjunta;
- 6) **Intencionalidade daquele que brinca:** para brincar, todos os envolvidos devem estar com a intenção de brincar naquele momento; a atividade lúdica não deve ser imposta, e sim trabalhada em forma de acordos coletivos. Esta pode ser considerada a característica principal que distingue se o brincar é lúdico ou não.

Por meio das características elencadas, ficam evidentes os elementos que uma atividade lúdica deve ter para ser considerada totalmente proveitosa para quem participa e para quem atua como professora. Agora, pensando na relação entre as docentes e a ludicidade, principalmente nas professoras de dança que trabalham com o sensível e buscam estimular o(a) educando(a) na perspectiva de ampliar as leituras do mundo, extraíndo do objeto artístico a diversidade cultural, o uso da ludicidade pode contribuir para facilitar a aplicação de conteúdos de arte e melhorar o entendimento dos alunos.

O lúdico na prática de dança pode ser vivenciado de inúmeras formas, mas é importante ressaltar que quando trata-se dessa área, a principal via de acesso utilizada para as atividades é o corpo. Cabe, então, à professora de dança oportunizar possibilidades do corpo ser o protagonista das atividades lúdicas. Para entrarmos nesse assunto onde o corpo pode se transformar no próprio jogo e na brincadeira, recomendo que você, leitor(a), continue a sua leitura e adentre ao próximo capítulo.

4 Corpo lúdico: uma aula de dança pode ser lúdica?

“Assim, é possível dizer que dançar é se tornar presença em momento e movimento, refletindo imagens e criando formas. O corpo que dança é o próprio ato da expressão, e seu tempo-espço só pode ser o presente. Dançar é imaginar, fazer e acordar em outros interiores e exteriores seus próprios olhares e imaginações.”

(BARRETO, 2004, p.125-126)

Este capítulo abordará como pode ser feita a relação entre a ludicidade e a dança, trazendo algumas possibilidades do corpo como protagonista de atividades lúdicas na escola.

O modo como nos movimentamos, nos relacionamos e entendemos o mundo está relacionada à forma com que vivemos nossos corpos e também se faz presente em praticamente todo o tipo de demonstração lúdica do ser humano. O corpo propicia a percepção, conhecimento e interação da pessoa com o mundo, ele permite ou limita o relacionamento com os objetos de brincar e jogar ou com as pessoas e os espaços com que brincamos e jogamos, mas isso não quer dizer que nossos corpos determinam com quais brinquedos, jogos e brincadeiras podemos ou não brincar. Assim, estaríamos pré-determinando que tipo de corpo pode brincar o que, com quem e onde, excluindo diversos tipos de corpos de experienciar a ludicidade da vida.

Nesse sentido, cada corpo vai estabelecer e criar relações diferentes diante dos mesmos jogos, brinquedos e brincadeiras. De acordo com Isabel Marques (2008):

[...] o corpo não é meio, canal, ou instrumento, mas sim protagonista dos jogos e brincadeiras. Aquilo que sabemos, conhecemos, sentimos, entendemos, construímos em nossos corpos nos leva a estabelecer ou não múltiplas relações com os espaços e vivências lúdicas existentes em nossa sociedade (MARQUES, 2008, p. 153).

A autora afirma que o corpo não é somente um instrumento diante das brincadeiras, mas sim o protagonista de toda essa cena lúdica que existe no nosso dia a dia. Os jogos e as brincadeiras que vivenciamos antigamente ou ainda nos dias atuais compreendem a construção de quem somos.

Mas, caro(a) leitor(a), e um corpo que não brinca, como ele será? É com esse questionamento que entramos no eixo pedagógico, pois ele tem o papel fundamental de criar e recriar a relação entre corpo e o lúdico. Ainda segundo Marques:

Por meio da intervenção pedagógica, são os próprios jogos e brincadeiras que podem educar e ensinar corpos não brincantes por circunstâncias genéticas, sociais ou culturais a dialogar, a interagir e, eventualmente, a transformar relações corporais consigo próprio, com os outros e com o meio (MARQUES, 2008, p. 156).

Fica claro que utilizando brincadeiras e jogos na intervenção pedagógica podemos educar e ensinar esses corpos que são considerados não brincantes, fazendo com que eles interajam e dialoguem com os outros e consigo mesmo. Os corpos durante essas intervenções podem assumir esses papéis de interagir, intervir, dialogar e ainda transformar atividades lúdicas propostas pelo(a) professor(a).

Outra questão que podemos abordar também é o uso de materiais como suporte durante as aulas. Se o corpo pode ser o jogo ou a brincadeira durante a atividade, então podemos descartar os materiais? Sim e não, já que podemos fazer escolhas em relação à isso, conforme a autora Isabel Marques explica:

Na verdade, o jogo e a brincadeira não necessitam sempre de suporte material, pois eles já estão no próprio corpo. O corpo é o brinquedo, o jogo e a brincadeira. O corpo que somos pode nos proporcionar situações e interações lúdicas sem necessariamente estarmos apoiados nas canetinhas coloridas, nos recortes, nas massinhas, nos jogos de encaixe, nas bexigas, nas bonecas e nos carrinhos (embora esses suportes sejam todos extremamente importantes, necessários e significativos para os corpos que brincam!). Corpos neles mesmos e por eles mesmos já brincam, jogam, inter-relacionam-se brincando e jogando. O jogo e a brincadeira podem ser o próprio corpo. (MARQUES, 2008, p.156 – 157)

Nesse sentido, os materiais podem ser usados em aulas lúdicas, mas estamos abordando aqui uma aula que seja voltada para a dança, ou seja, uma aula onde o corpo é o protagonista. Portanto, ressaltamos a importância da brincadeira e do jogo poderem ser o próprio corpo, pois é isso que estará sempre em movimento durante uma aula de dança: o nosso corpo.

Outra nomenclatura possível de atribuir à pessoa que brinca é a de corpo lúdico. Marques (2008, p. 160) propõe que “o corpo lúdico joga muitos jogos e brinca muitos brinquedos somente quando conhece (saber/saborear) os elementos da linguagem corporal.” Ou seja, o corpo se torna lúdico quando está brincando e jogando consigo mesmo, com o meio físico que se encontra no momento e com os outros.

A autora Nhary (2013) também cita em seu estudo o termo corpo lúdico, mas através da obra do autor Huizinga:

O corpo lúdico, referendado pelo entendimento de Johan Huizinga (2004) de *Homo ludens*, é o corpo que se diverte; é o corpo que brinca, joga, se entrega a um arrebatamento embebido em prazer e divertimento. É sobre esse corpo que falamos; um corpo que revela uma vida simbólica rica em prazer, em diversão, que vive um simulacro numa via paralela ao mundo real (HUIZINGA, 2004), mas sem dele se descolar totalmente. (NHARY, 2013, p. 4)

Portanto, o corpo lúdico é um corpo livre, que se entrega ao momento e vive o imaginário dos jogos e brincadeiras sem se desvencilhar do mundo real. Diante disso, entramos em uma questão importante que norteia o presente trabalho: quando é que o jogo vira dança?

Para responder essa pergunta, precisamos ressaltar outra noção de corpo. Já vimos o corpo brincante que também pode ser chamado de corpo lúdico e agora falaremos do corpo cênico. Mas o que é esse corpo? Marques traz a seguinte reflexão sobre o corpo cênico relacionado ao cenário das artes:

Nos jogos dos corpos em cena nos cenários da arte o corpo, que é lúdico, torna-se também corpo cênico: corpo que, além de dominar e usar a linguagem corporal, trabalha a própria linguagem. No corpo cênico a linguagem é construída, desconstruída, reconstruída, criada e recriada. O corpo cênico é criador, criativo e construtor da linguagem corporal (MARQUES, 2008, p. 161).

Assim, o corpo cênico, além de ser também lúdico, tem a possibilidade de ampliar e não somente de compreender, reproduzir, executar e interpretar: ele aprende a transformar a arte, a dança.

O lúdico na dança pode ser utilizado em forma de jogos e brincadeiras que nos permitem estimular nossa criatividade e imaginação, ampliando assim nosso leque de possibilidades corporais durante a aula. Ainda de acordo com Marques (2008):

[...] dançar e atuar em forma de jogo – e não em forma de reprodução ou repetição – permite que corpos lúdicos tornem-se também corpos expressivos, compartilháveis, comunicáveis e significativos para quem joga, dança e atua. Dançar articulando as múltiplas possibilidades, intersecções e relações dos elementos da linguagem corporal faz com que corpos lúdicos tornem-se corpos cênicos que dialogam, interferem, escolhem e podem transformar os cenários das artes e, conseqüentemente, os cenários sociais. (MARQUES, 2008, p.162)

Portanto, ao trabalhar com jogos e brincadeiras na aula de dança, estamos estimulando os corpos lúdicos dos alunos a serem também corpos expressivos, além de “o indivíduo, se utilizando de suas habilidades e estilos como formas de linguagem, faz emergir sua noção de mundo” (NHARY, 2013, p. 5). É com o pensamento nesse

corpo lúdico, que também é cênico no momento em que experimenta a ludicidade, que convido a dançar em direção aos próximos capítulos desta pesquisa onde veremos o olhar de duas professoras de dança e suas relações com esta temática em sala de aula.

5 Caminhos percorridos

Para a elaboração desse trabalho, primeiramente foi feito um levantamento de materiais bibliográficos sobre o surgimento e os principais conceitos do tema principal da pesquisa: a ludicidade na dança. Após a leitura desses materiais e consequente definição dos objetivos e problematização do tema, o estudo foi classificado como tendo uma abordagem qualitativa, a qual “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objeto e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.” (KAUARK, 2010, p. 26)

Ainda dentro dos estudos qualitativos, esta pesquisa se mostra tendo uma natureza exploratória, que, segundo Lakatos e Markoni (2003), é definida como uma investigação de pesquisa prática tendo como foco a elaboração de questões ou de um problema, com três propósitos: criar hipóteses, crescer o conhecimento do pesquisador com um ambiente, fato ou acontecimento ou esclarecer conceitos.

A partir dessa natureza exploratória, o presente trabalho se enquadra como um estudo de caso, pois o enfoque da pesquisa está nas professoras licenciadas em Dança que atuam em escolas públicas da cidade de Pelotas - RS. Conforme apontado por Gerhardt e Silveira (2009), um estudo de caso pode ser caracterizado como o estudo de uma entidade bem definida e visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. Nesse sentido, o(a) pesquisador(a) não busca intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo da forma como ele(a) o percebe.

As participantes da pesquisa foram duas professoras licenciadas em Dança que atuam na disciplina de Artes em escolas da rede pública de Pelotas: Jaciara Jorge, professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que engloba do 6º ano do ensino fundamental até o ensino médio, na Escola Estadual Fernando Treptow; e Tauana Oxley, professora nos anos finais do ensino fundamental na Escola Municipal Osvaldo Cruz, atuando em turmas de 5º ao 9º ano do ensino fundamental. Ambas as professoras são egressas do curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas.

Para a realização desta pesquisa, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada. Nesse tipo de entrevista, procura-se por um lado assegurar um

determinado quadro de informações importantes para o estudo e, por outro lado, proporciona-se maior liberdade para as entrevistadas indicarem aspectos que, segundo seus pontos de vista, sejam interessantes para a temática abordada. De acordo com Gerhardt e Silveira, a entrevista semiestruturada consiste em:

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 72)

As questões da entrevista foram elaboradas partindo dos objetivos traçados inicialmente na pesquisa, os quais buscavam identificar se o lúdico se fazia presente nas aulas de dança das professoras, de que forma ele era utilizado e quais as reverberações no ensino de dança utilizando a ludicidade como um recurso. Para facilitar a realização da entrevista, foi feita uma organização mais lúdica das questões, de modo que a entrevistada acabava orientando o caminho da entrevista através das suas respostas (Apêndice A).

Para a realização da coleta de dados, as entrevistas com as professoras foram marcadas em dias e locais diferentes. Com a primeira professora entrevistada, Jaciara Jorge, a entrevista foi feita no mês de maio desse ano em um dos seus locais de trabalho, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Com a segunda professora, Tauana Oxley, a entrevista foi também feita em um dos seus locais de trabalho, em uma academia de dança da cidade de Pelotas no mês de julho do presente ano.

As duas entrevistas foram gravadas com o consentimento e autorização das entrevistadas, as quais assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice B) que indicava a ciência sobre os objetivos do estudo e a participação voluntária na pesquisa. Ambas as participantes também consentiram que seus nomes fossem revelados ao longo desse trabalho.

O processo de análise dos dados relativo à presente investigação foi feito a partir do diagnóstico de uma matriz de análise (Apêndice C) criada com base na transcrição das respostas das entrevistas realizadas (Apêndice D). Nessa matriz de análise foram trazidas as principais informações encontradas nas respostas das entrevistas. A construção dessa matriz favoreceu a utilização de uma abordagem

comparativa entre as respostas das professoras e, posteriormente, a realização de um cruzamento com as fontes teóricas.

6 Olhares das professoras sobre a ludicidade na dança

Neste capítulo veremos a análise dos dados que foram coletados durante as entrevistas realizadas com as professoras licenciadas em Dança. Foi feita uma análise comparativa, em que as respostas das duas professoras foram analisadas a fim de mostrar suas diferenças e semelhanças a respeito da temática do lúdico na aula de dança. Desse modo, ao longo deste capítulo veremos as possíveis relações entre a prática docente de dança e a ludicidade a partir dos olhares de cada professora pesquisada.

Então, leitor(a), vamos iniciar nossa conversa com as professoras? Para começar as entrevistas foi perguntado se as professoras utilizavam o lúdico nas suas aulas de dança. A professora Jaciara trouxe duas respostas para essa pergunta, pois fez relações com suas experiências passadas e com as atuais, dizendo que quando trabalhava com adolescentes no ensino fundamental percebia maior necessidade de fazer uso do lúdico e que atualmente encontra maior dificuldade de trazer essa abordagem no EJA e, por esse motivo, não é tão usado.

Essa dificuldade de utilizar atividades lúdicas no EJA é trazida por Cilena Canda, quando a autora comenta que “[...] de modo geral, os adultos não estão habituados a participarem de vivências que envolvam o corpo, a imaginação e a criatividade.” (CANDA, 2006, p. 174). Por esse motivo, a inserção de uma abordagem lúdica em aulas no EJA pode ser difícil e inicialmente ser encontrada resistência por parte dos alunos, mas não é impossível.

A professora Tauana, que atua em turmas de anos finais do ensino fundamental, respondeu que o lúdico ajuda bastante no desenvolvimento motor com as crianças e que com os alunos maiores é feito um trabalho mais técnico de dança com a utilização de coreografias. Vemos que cada professora atua de um modo diferente, principalmente pelo fato de cada uma delas trabalhar com faixas etárias diferentes de alunos.

Como as duas professoras afirmaram utilizar ou já ter utilizado a ludicidade em suas aulas, partimos para a próxima pergunta, a qual questionava a importância de se trabalhar de forma lúdica durante as aulas. A professora Tauana respondeu que através do lúdico é possível trabalhar a criatividade, a imaginação e a magia ligada ao movimento. De acordo com sua resposta na entrevista:

[...] eles se dispõem mais a fazer do que eu chegar ali e passar uma coreografia, não tem sentido pra eles se é só a imagem do meu corpo, mas agora, por exemplo, se eu propor uma atividade lúdica que eu vá fazer eles deitarem no chão, por exemplo, e trabalhar com eles, sei lá, imaginem que vocês estão deitados em cima de uma nuvem, entendeu?! Que vocês vão trabalhar a leveza, alguma coisa assim. Aí eles já ligam a imaginação deles ao movimento, acho que fica mais fácil assim. (Informação verbal Professora Tauana – Apêndice D)

Nesse sentido, vemos que para a professora Tauana a ludicidade pode ser uma ferramenta mais eficaz na condução de uma atividade do que somente fazer uso da demonstração através de movimentos, tornando a imersão dos alunos na atividade mais mágica e criativa. Já a professora Jaciara diz que a ludicidade auxilia na prática com dança, podendo inserir os conteúdos de forma mais fácil e tranquila. Mas, também afirma que a escola é um ambiente que não favorece, às vezes, esse tipo de prática onde se utiliza o lúdico para desenvolver um conteúdo. Assim como declara Ferreira em seu estudo, “Ao aliar o brincar ao ensino de dança, acredito que pode haver um somatório relevante para a prática docente e aprendizado do aluno. Através de brincadeiras e vivências cotidianas o aluno se familiariza com o professor e o conteúdo aplicado” (FERREIRA, 2013, p. 26). Ao unir o ensino de dança ou de qualquer outra disciplina à ludicidade, podemos fazer com que os laços entre aluno, professor(a) e conteúdo se tornem mais estreitos, tornando a aprendizagem mais fácil.

Quando perguntado sobre a utilização de materiais e/ou recursos didáticos em suas aulas, as duas professoras afirmaram usar variados tipos de jogos, relatando a necessidade de trazer alguns materiais, como exemplifica a professora Jaciara:

[...] quando eu fazia jogos criativos pra composição, eu usava um dado gigante assim... e algumas cartas numeradas que... quando eu trabalhava com composição coreográfica, eu botava assim... algumas coisas nas cartas numeradas, por exemplo, relacionadas ao espaço, as ações, a característica de alguns movimentos, fragmentação do movimento, movimento lateral, cinesfera ampla, média, pequena, nível alto, médio e baixo, sabe, essas coisas. Ai, a gente fazia esse jogo pra poder fazer um exercício de composição. (Informação verbal Professora Jaciara – Apêndice D)

Vemos que a utilização de jogos e materiais didáticos nas aulas de dança podem se desdobrar em vários tipos de atividades e isso vai depender da disposição e criatividade de cada professor(a). Ao fazer uso desses recursos podemos estar estimulando mais os alunos a participarem das atividades e também auxiliando na interação entre eles, assim como incentivando a sensibilidade do(a) professor(a) ao se preocupar mais com os alunos, como aponta Bemvenuti:

Observe e descubra quais jogos e atitudes lúdicas estão presentes na bagagem cultural do aluno. Experimente agregar saberes do grupo nas atividades. Incluir e ser incluído. A mágica do grupo é sensibilizada ao elegermos um jeito de brincar ou um jogo de uma criança para ser experimentado por outras crianças. O aluno se reconhece como sujeito no grupo, na escola, na cidade. [...] mas vá além do banal, já conhecido, de perguntar aos pais o que eles jogavam quando criança. Faça isso também, mas vá mais além, investigue com a curiosidade de um pesquisador, de um explorador. (BEMVENUTI, 2008, p. 197 – 198)

Vemos que, para além de se preocupar com o material e recursos que podemos utilizar em aula, é possível também trazer as vivências de cada aluno, trabalhando, assim, a inclusão de todos, o que nos leva para a próxima questão da entrevista.

Foi perguntado para as professoras se elas percebiam diferenças nas turmas em relação à interação grupal ao se trabalhar de forma lúdica durante as aulas e nas respostas de ambas as professoras elas trouxeram como ponto principal a relação aluno-professora. A professora Jaciara percebe uma interação diferente com os alunos quando trabalha de forma lúdica, como se a ludicidade ajudasse a promover maior aproximação e deixasse a relação mais natural entre ela e a turma.

Já a professora Tauana traz a questão do interesse e da disposição do(a) professor(a) em sala de aula com os alunos, ou seja, nessas duas respostas vemos que para ter uma boa relação em sala de aula e ainda conseguir trabalhar de um modo mais tranquilo com os alunos, tudo depende de como cada professor(a) vai se dirigir à turma e para se trabalhar com ludicidade na escola esse é um dos pontos principais.

A vivência destas atividades precisa se dar de forma prazerosa, precisam ser propostas de modo que as crianças se envolvam ao realizá-las, e que não sejam somente um recurso didático para a aprendizagem de um conteúdo específico, o que pode se tornar um exercício cansativo, sem sentido [...] Mesmo uma aula expositiva pode se tornar lúdica se educador e educandos se encontrarem entregues e envolvidos com o momento, se estiverem prazerosamente integrados. (PEREIRA, 2015, p.700 - 701)

A autora Pereira (2015) traz em seu texto que o(a) professor(a) precisa envolver os alunos em suas propostas de uma forma agradável, fazendo com que educador(a) e educandos estejam envolvidos durante as atividades e o lúdico é um ótimo recurso a ser usado para que isso aconteça de uma forma mais fácil.

Outro ponto importante para os(as) professores(as) que pretendem se utilizar do lúdico para conduzir as suas aulas é a participação – o fazer as atividades junto com os alunos. Esse aspecto foi questionado às professoras, buscando saber se

costumavam participar das atividades com os alunos ou apenas conduziam. As duas professoras afirmaram que costumam participar, mas que às vezes também apenas conduzem as atividades porque dessa forma conseguem ter um olhar de fora e uma percepção diferente do que está acontecendo na aula, como relata a professora Tauana:

[...] acho que é importante as vezes a gente sair e ter um olhar de fora, de direção entendeu, pra ver se o troço não tá se perdendo porque às vezes tu tá fazendo o tempo inteiro junto, às vezes tem um fulaninho lá atrás que não tá percebendo, não tá fazendo e tá brincando, então às vezes tu sair, tu olhar de fora ajuda muito. (Informação verbal Professora Tauana – Apêndice D)

Por meio dos depoimentos das professoras, entendemos que é importante ter essas duas posturas durante as atividades propostas em sala de aula, mas infelizmente o(a) professor(a) não consegue dar conta de exercer esses dois papéis ao mesmo tempo: o de fazer parte do grupo e o de observador. Considerando esse aspecto, a autora Bemvenuti traz em seu texto que o processo de participação durante a atividade pode ser muito mais rico do que somente observar de fora:

Outro modo de estimular a participação do grupo de alunos é o professor brincar junto, ser um integrante na hora de jogar, passando pelas mesmas dificuldades e alegrias, angústias e torcidas a cada desafio de resolver, competir, solucionar, demonstrar destreza, perder, integrar, compartilhar, enfim, viver junto todos os papéis possíveis no jogo com o grupo. Algumas vezes ocorre de o professor ocupar-se com outras tarefas, deixando de integrar, participar efetivamente do grupo juntamente com os alunos. O afastamento do professor impede também que ele possa realizar a observação sobre a forma de participação do grupo as dificuldades, as novas aquisições e conquistas, além do convívio entre os participantes. Este é um momento precioso para o exercício do observador com relação a questões inquietas. (BEMVENUTI, 2008, p. 199)

Quando o(a) professor(a) se afasta desse momento de participação, acaba perdendo de ver as dificuldades dos alunos mais de perto e também de experienciar a atividade e viver as mesmas sensações que seus alunos estão tendo, mas é evidente que algumas intervenções podem ser necessárias quando percebe que a atividade está perdendo o rumo que deveria ter. Saber mediar e balancear essas duas posturas durante o decorrer da aula, brincar e observar de longe o que está acontecendo durante a atividade, pode servir para se ter uma aula mais produtiva em relação ao processo de aprendizagem dos alunos.

Partindo para o próximo questionamento da entrevista, foi perguntado para as professoras se trabalham de forma lúdica esperando resultados pré-determinados, ou seja, se o uso do lúdico é feito para alcançar algum objetivo específico ou trabalhar algum conteúdo específico da aula. As duas professoras responderam que às vezes usam e que às vezes não usam, o que vai depender do objetivo da aula, como esclarece a professora Jaciara:

[...] às vezes era só pra... não com um objetivo mais direto ligado ao conteúdo, mas pra coisas que a gente precisaria pra aula, por exemplo, a turma tá muito agitada, tá assim... não tá dando pra trabalhar, a gente insere uma atividade mais lúdica pra chamar a atenção, pra não sei o que... pra depois começar a desenvolver outro conteúdo e tal. Então, eu usava mais como um recurso pedagógico mesmo. Às vezes com um fim específico direto, diretamente relacionado com algum conteúdo que eu ia trabalhar, às vezes não. (Informação verbal Professora Jaciara – Apêndice D)

Como vemos na resposta citada, o lúdico pode ser versátil, sendo usado como um recurso pedagógico que auxilia no alcance de um objetivo do conteúdo que será trabalhado em aula ou como uma estratégia para conseguir a atenção dos alunos, o que vai depender de como a turma vai estar no dia ou como o(a) professor(a) pretende utilizar do lúdico para sua aula.

Outra questão que foi trazida para as entrevistas foi sobre as turmas que as professoras atuavam: se percebiam maior abertura ou facilidade para trabalhar de forma lúdica entre elas. As duas professoras responderam que sim, mas vemos uma diferença entre as turmas de cada professora com relação ao lúdico. Nesse caso temos a professora Jaciara que atua no EJA, onde o lúdico é menos usado segundo o seu relato:

No EJA às vezes... às vezes tem, então quando eu vejo que tem uma brecha aí eu sempre tento, assim, organizar alguma atividade, nem que seja pra eles... criar um ambiente de aula mais agradável assim, porque às vezes eu vejo, percebo assim, que eles vem muito massacrados assim do dia, do trabalho [...]. (Informação verbal Professora Jaciara – Apêndice D)

Já a professora Tauana relata uma abertura maior pelo fato ter mais turmas onde os alunos são crianças e adolescentes, encontrando maior facilidade de se trabalhar a imaginação ligada à movimentação porque são aspectos que, de forma geral, fazem parte do cotidiano dos alunos.

Vemos que na resposta para essa questão a diferença está relacionada à faixa etária dos alunos. No EJA os alunos adolescentes e adultos trabalham, sustentam a

casa e tem filhos, chegando muitas vezes cansados e abatidos na aula em decorrência do dia cansativo que tiveram. Cilene Canda descreve que “Assim sendo, o educador ao promover ações lúdicas em sala de aula consegue despertar a motivação do adulto que, muitas vezes, chega cansado e desmotivado à escola, por conta do acúmulo do trabalho realizado durante o dia.” (CANDA, 2006, p. 191). Nesse sentido, o lúdico pode servir como motivador e estimulador para os alunos do EJA, fazendo-os esquecer o dia maçante que tiveram.

Já a abordagem do lúdico com as crianças é mais fácil de ser introduzida nas aulas. Segundo Almeida, “a criança é concebida como um ser diferente do adulto; não melhor ou pior. Ela possui outro campo de percepção; vê aquilo que a vista opaca do cotidiano dessa gente crescida não enxerga mais” (ALMEIDA, 2018, p. 19). No entanto, isso não quer dizer que o lúdico deve ser explorado apenas na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Pelo contrário, ao questionar as professoras se o trabalho lúdico poderia ser desenvolvido com alunos de todas as faixas etárias, ambas afirmaram que a ludicidade pode ser desenvolvida com indivíduos de qualquer faixa etária e não apenas com crianças. Segundo as professoras:

Acredito que sim, acredito que sim, muitas vezes assim a gente acha que só funciona com criança né, mas não! Funciona com adultos também, claro que o objetivo vai depender de cada turma e também do interesse da turma e tal... e do trabalho específico do professor, mas, eu acho que sim, eu acho que dá pra usar com qualquer faixa etária, não só com crianças. (Informação verbal Professora Jaciara – Apêndice D)

[...] eu acho o que modifica é a questão da fala mesmo né, que tu vai te dirigir às pessoas e às vezes o adulto ele tem uma certa resistência, um pouco, se tu vai trabalhar algo meio lúdico, às vezes tu tem que começar pelo que é concreto, pelo o que eles conhecem digamos assim, coreográfico, a maioria dos adultos é coreografia né, em relação à dança, é o que a mídia vende. Então às vezes se tu vai tá desenvolvendo um processo dentro do... que tu vai ficar um tempo, é mais fácil tu começar por aí [...] trabalho muito a questão das ações do Laban, levantar, agachar, girar, pular, essas ações mais cotidianas e a partir disso daí trabalhar essa parte do lúdico e acho que serve isso pros pequenos, pros idosos também serve bastante né, porque além de ser uma coisa divertida é uma coisa que eles tão trabalhando o movimento né, e é uma coisa que depois quando tu tira eles tem uma bagagem de movimento pra fazer sem aquele objeto ou sem aquele material. (Informação verbal Professora Tauana – Apêndice D)

Nas duas falas vemos que cada professora tem um modo e um pensamento diferente de usar o lúdico em suas práticas, mas fica claro que ambas concordam que a ludicidade pode ser trabalhada com qualquer idade, apesar de observarem maior ou menor resistência por parte dos alunos.

Outra questão importante que não poderia ser excluída da entrevista é sobre as relações e os limites que as professoras percebem entre dança e brincadeira, já que é uma discussão recorrente nos processos educacionais em dança pelo fato de a ludicidade muitas vezes ser tratada como algo banal, um passatempo em que o aluno não aprenderá nada com os jogos e as brincadeiras. Esse preconceito com a ludicidade é trazido pela autora Almeida em seu texto:

A ludicidade, que se relaciona ao prazer e ao não imposto, especialmente com a influência da visão capitalista de produtividade, se coloca em oposição a trabalho, sendo considerada, então, como tempo perdido, passatempo, como não séria. Isto justifica muito da dificuldade de ser incorporada aos processos de formação humana e de construção do conhecimento. Para validá-la, os professores se sentem obrigados a lhe atribuir um caráter utilitário, a usá-las como meios para alcançar objetivos determinados. (ALMEIDA, 2015, p. 701)

Vemos que esse pensamento de que o lúdico só pode ser trabalhado em sala de aula se tiver a obrigatoriedade de alcançar um objetivo é uma das justificativas do porquê alguns professores(as) apresentarem dificuldade de usar esse recurso em suas didáticas. Mas, segundo a resposta das professoras entrevistadas, a ludicidade pode ser trabalhada usando esses dois pensamentos, o de auxiliar para alcançar o objetivo da aula e o de somente brincar e jogar sem ter a obrigatoriedade de trabalhar um conteúdo específico.

Então, eu... sempre digo assim que a gente... vamos começar com uma brincadeira sabe, vamos fazer um jogo, mas esse jogo nunca é.... como eu vou dizer assim... inocente (risos) sabe, nunca é inocente, sempre tem alguma coisa por trás e quando eles descobrem isso que é legal, porque tudo... os elementos que eu uso no jogo eu uso na aula depois, então é legal eles verem esse processo assim sabe... oh a gente tá aqui jogando, tá fazendo isso, tá fazendo aquilo e agora vamos passar para o conteúdo? E daí o conteúdo não tem a mínima distância do que eles tinham feito no jogo. Então, então eles, olha que legal, dá pra fazer isso, dá pra fazer aquilo, então eles começam a entender como eu particularmente entendo que é dança, a abordagem é lúdica mas o conteúdo, o contexto é de dança, então é isso. (Informação verbal Professora Jaciara – Apêndice D)

Na fala da professora Jaciara percebemos que ela faz uso do lúdico como uma introdução do conteúdo que virá depois, contendo elementos que os alunos vão usar para a aula de dança depois, então costuma iniciar a aula com uma abordagem lúdica para em seguida partir para o trabalho de algum conteúdo específico de dança. Ao encontro desse pensamento, a professora Tauana também afirma usar esse mesmo

método em suas aulas, utilizando brincadeiras do contexto dos alunos e fazendo relação com os conteúdos de dança logo depois:

[...] a gente pode usar a brincadeira como uma iniciação com certeza, principalmente as coisas que eles conhecem [...] brincadeiras folclóricas tá, brincadeiras que a gente faz desde a nossa infância, pra trabalhar com os alunos do terceiro ano ao quarto, quinto ano funciona bastante porque eles estão nessa fase da brincadeira em si mais de movimento, brincadeira de mão sabe, brincadeira de pular sapata, pular corda, correr, na hora do recreio é o tempo inteiro correria, brinca de pega entendeu, a gente pode começar usando isso na aula de dança como brincadeira, senta com eles depois e dizer “você percebe movimento nessa brincadeira? O que que de movimento a gente fez nessa brincadeira? O que que a gente faz de movimento no pular sapata? Ah, a gente usa o pular, a gente usa o girar, a gente usa o agachar” aí, eu digo “que tipo de níveis a gente trabalha?” Aí, tu vai questionando e eles vão te respondendo [...] Vai questionando entendeu, depois que tu chega numa resposta então bom, agora a gente vai fazer uma coreografia só com os movimentos que a gente usou na brincadeira [...] tu não deixa de usar uma brincadeira pra chegar num objetivo técnico, mas sem deixar a diversão de lado, é o que eu acho. (Informação verbal Professora Tauana – Apêndice D)

O método utilizado pelas duas professoras é mais voltado para o questionamento, instigando os alunos a pensarem sobre as brincadeiras que fizeram e relacionando esse processo do brincar e jogar com os conteúdos de dança, fazendo com que a aprendizagem dos alunos possa ser prazerosa e divertida.

Além disso, o lúdico parece ser usado pelas professoras como uma forma de acessar um estado corporal disponível em que os alunos se entregam ao jogo pelo fato de se interessarem pela proposta, sendo uma maneira de incentivar a realização de movimentos a serem transformados em células coreográficas posteriormente.

Ao se usar os jogos e brincadeiras para a composição coreográfica, podemos, além de estar proporcionando meios de chegar na dança, ajudar no relacionamento entre os alunos, como relata Kellermann em seu estudo:

O trabalho coreográfico, por ter sido explorado por meio de jogos e brincadeiras, desenvolveu o relacionamento do grupo, a segurança, a confiança e, principalmente, o sentimento de cooperação. Acredito que devido a isso o grupo conseguiu dançar com mais desenvoltura e viveu com mais plenitude a experiência de apresentar-se ao público com uma coreografia. (KELLERMANN, 2015, p.115)

Outro aspecto importante que auxilia para que a criação em dança através da ludicidade seja mais prazerosa, é incluir os alunos nas decisões que vão influenciar no enredo da coreografia, como Almeida e Andrade trazem em seu texto:

Para as criações em dança, as próprias crianças podem ser responsáveis pela escolha dos temas, discutidos em conjunto com os professores. O importante é que haja participação ativa na elaboração do enredo, do movimento, da encenação e dos figurinos. Nesse sentido, o professor pode, por exemplo, favorecer e ampliar o conhecimento e concepção das movimentações por meio de exercícios, jogos e vivências. (ALMEIDA; ANDRADE, 2016, p.18)

Considerando essas possibilidades, para concluir as entrevistas foi pedido que cada professora compartilhasse uma atividade lúdica que costuma utilizar em aula com seus alunos. Agora, leitor(a), você encontrará abaixo a descrição de atividades que a professora Jaciara e a professora Tauana costumam utilizar em suas aulas. A primeira é a da professora Jaciara, onde ela faz uso da mímica para a composição coreográfica:

ATIVIDADE DA PROFESSORA JACIARA

Faça uma lista de nomes de filmes como o exemplo abaixo. Escreva os nomes em papéis para que possam ser sorteados depois. A brincadeira começa com uma mímica: Divide-se a turma em dois ou três grupos. O sorteio do filme é para o grupo inverso, mas a mímica é para o próprio grupo. São sorteados três filmes para cada grupo. Depois de já terem feito a parte da mímica, eles terão que recuperar a movimentação que eles fizeram durante o jogo. O objetivo é juntar a movimentação dos três filmes para que eles comecem a montar sequências de movimentos e transformar em uma coreografia.

Exemplo da lista de filmes: A ilha das flores, A lenda do cavaleiro sem cabeça, O jardim secreto, Harry Potter e a Pedra Filosofal, Sementes do nosso quintal...

Dica: Também pode-se realizar essa tarefa em duplas, trios e quartetos. Estipule tarefas para a composição coreográfica, mude o tamanho dos movimentos, a velocidade, o nível, insira uma pausa, faça o mesmo movimento com outra parte do corpo... as possibilidades são infinitas!

A segunda atividade descrita é proposta pela professora Tauana, a qual cita durante a entrevista que costuma utilizá-la com os alunos pequenos essa atividade:

ATIVIDADE DA PROFESSORA TAUANA

Pegue e divida o quadro da sala de aula em quatro partes iguais. Separe os alunos em grupos de quatro integrantes. O primeiro grupo irá para o quadro e cada aluno se posicionará em um espaço que foi dividido no quadro. Será entregue para

cada um giz colorido e então será pedido para que risquem e desenhem formas e linhas abstratas ao som de uma música de fundo. Depois de um tempo troca-se o grupo e o que estava assistindo vai para o quadro e o que estava no quadro vira plateia. Esse ciclo se repete até que todos já tenham passado por ambas as experiências.

Dica: As músicas utilizadas podem ser instrumentais ou até músicas sugeridas pelos alunos. Ao fazer os outros grupos de plateia enquanto um outro grupo faz atividade acaba contribuindo para a formação de público para a dança e também a respeitar os colegas durante as apresentações. Incentivar dando comandos como plano alto, plano médio, plano baixo, gira...

Conforme exemplificado, o uso de jogos e brincadeiras na prática de dança pode resultar em diferentes possibilidades. Uma delas aqui citada é o trabalho com composição coreográfica, mas é importante ressaltar que a participação do(a) professor(a) junto com os alunos é um diferencial positivo, assim como usar ou não materiais didáticos durante as atividades.

Além de todas essas discussões que foram importantes para a construção desse trabalho, através desse processo de pesquisa, o qual envolveu tanto as leituras feitas sobre o corpo lúdico quanto as atividades pontuadas pelas professoras entrevistadas, assim como a minha trajetória lúdica no curso de Dança - Licenciatura, foi elaborado um material didático (Apêndice E) como uma forma de buscar acessar o estado lúdico de professores(as) e também proporcionar ideias de atividades lúdicas para trabalhar com os alunos.

Também acredito que, por meio da experimentação das atividades lúdicas propostas no material que desenvolvi, será possível vivenciar diferentes estados corporais, estimular a criatividade e explorar possibilidades de movimento, o que penso que irá contribuir para o entendimento do papel da ludicidade na dança. Desse modo, o material didático desenvolvido não foi um caminho para a realização dessa pesquisa, mas um desdobramento a partir do processo de pesquisa que envolveu toda a minha trajetória acadêmica, principalmente esse trabalho de conclusão de curso.

Para entrarmos nas reflexões finais deste trabalho, recomendo que você, leitor(a), continue a sua leitura em direção ao último capítulo.

7 O que marcou

Caro(a) leitor(a), chegamos ao final desta pesquisa sobre a ludicidade na dança. Aqui, você encontrará as principais reflexões que a pesquisadora fez durante todo o processo deste trabalho. Vamos nessa?!

Ao concluir este trabalho, percebo o quanto é importante falarmos e discutirmos sobre a dança na escola. O quanto ainda é incipiente essa área em que eu e meus colegas vamos nos formar ou ainda vão ingressar. Atualmente já conseguimos encontrar professoras, como é o caso dessa pesquisa, que já trabalham com a dança nas escolas públicas e que conseguem desenvolver realmente atividades de dança com os alunos.

Ainda assim, é importante pontuar que existem dificuldades e barreiras, principalmente quando cruzamos as práticas de dança com a ludicidade. Ao remexer minhas memórias de atuação no PIBID, posso dizer que perdi as contas de quantas vezes fui questionada: mas isso é dança? Mas eles não iam dançar ao invés de brincar? Parecia que eu sempre tinha que justificar e explicar para as professoras regentes das turmas qual era o objetivo das minhas aulas e como a dança estava ali presente nas atividades propostas. Atualmente percebo o quanto essa explicação foi e é muito necessária para que outros(as) professores(as) entendam e se interessem pela minha prática e queiram reproduzi-la também.

Todos esses questionamentos me fizeram chegar aqui e nesta pesquisa. Foi um processo muito interessante, revelador e de muitas descobertas, o qual contribuiu para investigar como cada professora licenciada em Dança utiliza a ludicidade em suas aulas em escolas públicas de Pelotas. Compreendi como cada uma trabalha, as semelhanças e diferenças que cada uma possui ao trabalhar com o lúdico e ainda relacioná-las com as minhas próprias vivências durante o meu percurso no curso.

O lúdico nas aulas de dança pode ser utilizado de formas diferentes, o que ampliou o meu leque de possibilidades e atividades, trazendo outros pontos que durante as minhas práticas nunca dei a importância necessária e que a partir de agora vão fazer parte da minha bagagem.

A partir desses pontos percebidos, te convido a adentrar nas principais reflexões obtidas durante esse processo de pesquisa. Uma delas foi perceber que quando estamos ministrando uma atividade, principalmente lúdica, cada aluno terá uma experiência daquele momento que está vivenciando, então pode ser que alguns

gostem e outros não, mas como professores(as) temos que dar nosso máximo para poder incluir e deixar essa atividade mais prazerosa para os alunos.

Outro fato que descobri através de toda esta pesquisa foi a diferença entre a brincadeira e o jogo. Quando eu trabalhava com atividades lúdicas no PIBID nunca tinha parado para pensar se existia diferenciação entre esses termos e pensava que eram sinônimos. Penso que compreender essa diferenciação se faz importante para quem usa ou vai usar o lúdico nas aulas de dança para que haja maior clareza no momento de planejar suas propostas e também para saber explicar melhor o que e como trabalhar com seus alunos.

Outro termo que também considere válido salientar nessa pesquisa foi o da ludopedagogia, a qual se tratava de uma nomenclatura desconhecida para mim. No entanto, para quem pretende trabalhar com a ludicidade é importante saber sobre esse tipo de método que estuda a influência do elemento lúdico na educação.

A questão do cuidado do(a) professor(a) também foi um dos destaques nesse processo de pesquisa. Sempre achei importante a postura e o cuidado do(a) professor(a) em sala de aula, não só ao se trabalhar a ludicidade junto com a dança, mas para qualquer área. Nesse sentido, trago que a participação do(a) professor(a) durante as brincadeiras e jogos é um diferencial nas aulas. Enquanto professora, percebi esse recurso de forma muito valiosa, já que ao sair da postura de professora que comanda a atividade para participar das atividades deixa a aula mais leve e os alunos mais entregues ao que estão fazendo, facilitando a aprendizagem e conseguindo equilibrar melhor as situações da aula.

Outro ponto importante foi a questão de usar o lúdico para alcançar o objetivo de algum conteúdo ou levar uma brincadeira e somente brincar e estimular os alunos. Quando comecei a usar o lúdico nas minhas práticas sempre era recomendado cuidar para a brincadeira não virar só uma brincadeira e que eu precisava trabalhar um conteúdo. A partir dessa orientação, eu sempre me questionava durante as atividades: estou trabalhando algum conteúdo ou só brincando? E através desta pesquisa eu descobri que cada professor(a) tem a liberdade de escolher isso e que o lúdico, as brincadeiras e os jogos proporcionam essa abertura.

No momento em que o(a) professor(a) propõe uma brincadeira ou jogo, será explorado algo como, por exemplo, a imaginação, a criatividade e a movimentação corporal. Durante as entrevistas com as professoras encontrei diferentes

possibilidades utilizadas por elas: usar a brincadeira como um aquecimento, como um elemento para construção coreográfica, como fim para a aprendizagem de um conteúdo ou a brincadeira pura.

Para além dessas questões, ao adentrar com a ludicidade na aula de dança temos duas opções que podem ser usadas: o lúdico ser trazido sem nenhum tipo de material fazendo com que o corpo do aluno se torne protagonista, se torne o brinquedo, o material principal; ou fazer uso de diferentes tipos de materiais e nesse caso todos são bem-vindos, desde os mais óbvios como as cadeiras da sala de aula, até os mais inusitados como um rolinho de papel higiênico, o que vai depender de cada professor(a) e da proposta que ele(a) vai desenvolver com os alunos. Ao se usar jogos e brincadeiras na aula de dança estamos estimulando corpos lúdicos, que são corpos livres e que brincam, a serem corpos expressivos.

Ao realizar a análise dos dados e comparar as respostas de cada professora, percebi como ainda é necessário material para se trabalhar a ludicidade no EJA. Mesmo que a ludicidade seja dotada de versatilidade e que possa se adequar a qualquer faixa etária, percebo que a maior parte da produção bibliográfica encontrada nessa pesquisa é direcionada para a educação infantil.

Em relação às limitações da pesquisa, acredito que a realização de observações das aulas das professoras entrevistadas poderia agregar outros olhares e ampliar as reflexões acerca da ludicidade na dança. Tais observações estavam planejadas inicialmente, mas por conta de alguns imprevistos não foi possível realizar e tive que descartar da metodologia. No entanto, esse imprevisto e a pesquisa inteira em si fizeram com que o meu lado lúdico criativo despertasse e foi então que decidi fazer um material didático lúdico, um livro que buscasse acessar o estado lúdico de outras pessoas, ou no caso da pesquisa, os(as) professores(as). A ideia desse livro é fazer com que os(as) professores(as) que usarem eles tenham a mesma sensação que eu tenho quando dou as minhas aulas lúdicas.

Para encerrar essa pesquisa digo que ser professora é um desafio que te convida a lidar com imprevistos e dificuldades, os quais não diminuem a sensação de gratidão e da sensação de poder ter a confiança dos alunos, de ver eles pedindo mais aulas e te abraçando na rua quando te reconhecem. Assim como a construção de um jogo de quebra-cabeças, ser professora, para mim, é como ir juntando cada pecinha de experiência que temos e formando uma imagem, mas esse jogo nunca poderá se

completar, pois sempre estamos em processo de aprendizagem, cada nova descoberta e vivência é uma pecinha nova... é um jogo infinito.

Referências

ALMEIDA, Fernanda de Souza. **Dança e Educação: 30 experiências lúdicas com crianças**. São Paulo: Summus, 2018.

ALMEIDA, F. S.; ANDRADE, C. R. Dançar com a criança: Um olhar para a composição e criação em dança com a pequena infância. **Revista Científica de Artes – PR**, Curitiba, v. 15, n. 2, jul./dez. p. 1-106, 2016.

BARRETO, Débora. **Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. 2 ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.

BENVENUTI, Alice. Espaços, tempos, ações e ambiente – Lugares da aprendizagem. IN: ULBRA (org). **O lúdico na prática pedagógica**. Brasília: Editora IBPEX, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126 p.

CANDA, Cilene Nascimento. **Aprender e brincar é só começar...: a ludicidade na alfabetização de jovens e adultos**. 2006. 287 f. Dissertação de Pós-Graduação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

CANDA, C. N.; SOUZA, R. S.; BRITO, T. S. Educar com ludicidade: saberes e competências para a formação docente. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 5, p. 139 – 151. Jul./dez. 2010.

CORRÊA, J. F.; HOFFMANN, C. A.; JESUS, T. S. A. Considerações sobre docência, formação e inserção da dança no espaço escolar brasileiro. **Revista ouvirouer – Uberlândia**, v. 14, n. 1, p. 194-205 jan/jun. 2018.

CORRÊA, J. F.; NASCIMENTO, F. M. Ensino de dança no Rio Grande do Sul: um breve panorama. **Revista Conceição – SP**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 53-68, jul./dez. 2013.

FERREIRA, Ingrid Araujo da Silva. **Vamos brincar de dançar?** A narrativa do processo de brincar no ensino da dança no Programa de Iniciação à Docência pibid/ufrgs no ensino fundamental. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Dança) Escola de Educação Física Licenciatura em Dança. Porto Alegre, 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> >. Acesso 8 Jan. 2018.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KAUARK, Fabiana. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KELLERMANN, M. M. Ludicidade: o jogo e a brincadeira na linguagem da dança. **Revista Arquivo Brasileiro de Educação**, Belo Horizonte, v.3, n. 6, p. 106-138, ago./dez, 2015.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LATUADA, Alexandra R. **O Ensino da Dança em uma Escola Pública de Pelotas: A visão de uma professora**. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Dança – Licenciatura. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

MARQUES, Isabel. Corpos lúdicos: corpos que brincam e jogam. IN: ULBRA (org). **O lúdico na prática pedagógica**. Brasília: Editora IBPEX, 2008.

NHARY, Tania Marta Costa. O Imaginário Do Corpo Lúdico Na Escola. In: **EDUCERE: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 6, 2013, Curitiba, 2013. p. 26350 – 26364.

PEREIRA, Lucia Helena Pena. Corporeidade e ludicidade nas séries iniciais do ensino fundamental: crenças, dúvidas e possibilidades. **Revista educação**, Santa Maria, v. 40, n. 3, p. 697-710, set./dez. 2015.

PORTAL DA CASA CIVIL. **Lei de Regulamentação das Profissões de Artistas e de técnico em Espetáculos de Diversões**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6533.htm> Acesso em: 19 out. 2018.

RAMOS, Rosemary Lacerda. **Por uma educação lúdica**. IN: LUCKESI, Cipriano (org). Ludopedagogia- Ensaios 1: Educação e Ludicidade. Salvador: UFBA/ FAGED, 2000.

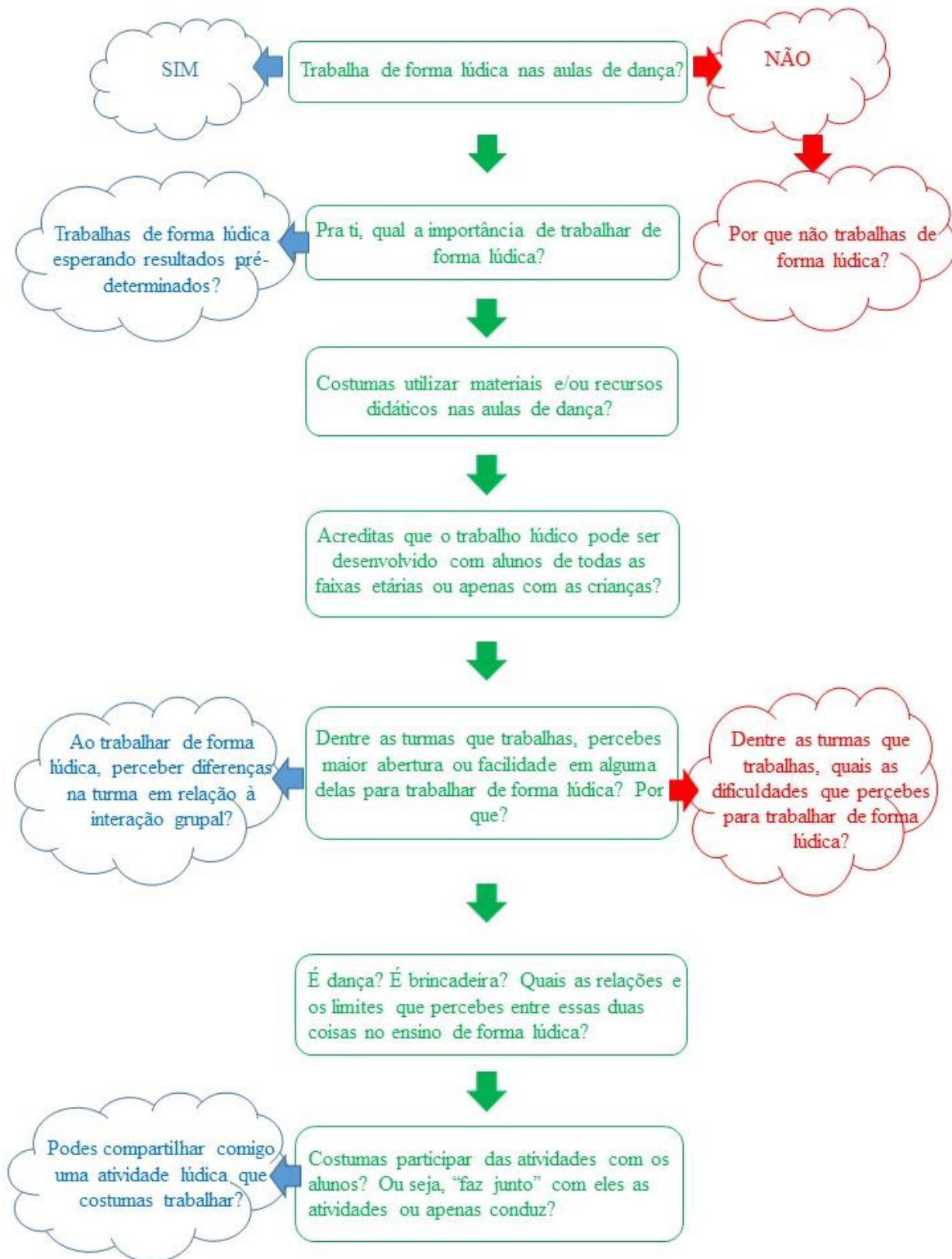
RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação. Referencial Curricular. **Lições do Rio Grande: linguagens códigos e suas tecnologias, artes e educação física**. Vol II. 2009. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/>> Acesso em 20 out. 2018.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dançando na chuva... e no chão de cimento. IN: FERREIRA, Sueli (org). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001.

Apêndices

Apêndice A – Roteiro da entrevista com as professoras:

ENTREVISTA TCC



Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pesquisadora responsável: Joice Soares Rodrigues

Instituição: Centro de Artes - Curso Dança – Licenciatura – Universidade Federal de Pelotas

Endereço: Rua Alberto Rosa, 62

Telefone: 99173-1767

Concordo em participar do estudo **“O lúdico na aula de dança: Olhares das licenciadas em dança que atuam na rede pública de Pelotas/RS”**. Estou ciente de que estou sendo convidada a participar voluntariamente do mesmo.

PROCEDIMENTOS: Fui informada de que o objetivo do estudo é analisar se e como é empregado o uso de atividades lúdicas nas aulas de dança nas escolas Públicas de Pelotas, cujos resultados serão usados apenas para fins de pesquisa. Estou ciente de que a minha participação envolverá responder perguntas sobre a temática em questão, com duração aproximada de uma hora.

RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: Fui informada que os riscos são inexistentes porque apenas terei que responder algumas perguntas, o que não comprometerá a minha saúde.

BENEFÍCIOS: O benefício direto de participar da pesquisa relaciona-se ao fato de que terei a oportunidade de refletir sobre minha prática docente e compartilhar minhas vivências. Os benefícios indiretos relacionam-se ao fato de que os resultados fornecerão informações importantes para pensar e melhorar o ensino da Dança na escola.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo se assim for escolhido por mim.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. A pesquisadora do estudo responderá, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome da participante: _____

Identidade: _____

ASSINATURA: _____ DATA: ____ / ____ / ____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DA PESQUISADORA: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. A participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato através do endereço e telefone supracitados ou através do e-mail joicesoaresrodrigues@gmail.com.

ASSINATURA DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL: _____

Apêndice C – Matriz de análise utilizada para diagnóstico dos dados:

Questões	Professora Jaciara	Professora Tauana
1 - Trabalha de forma lúdica nas aulas de dança	Via mais necessidade de trabalhar com ludicidade quando trabalhou com adolescentes, já atualmente no EJA, a ludicidade não é tão usada nas aulas.	Sim, principalmente com os pequenos onde a parte lúdica ajuda bastante no desenvolvimento motor, com os maiores é feito um trabalho mais técnico.
2 - Importância de trabalhar de forma lúdica	Auxilia na prática com dança, pode-se trabalhar os conteúdos de dança de uma forma mais fácil	É a possibilidade de se trabalhar a criatividade, imaginação, a magia ligado ao movimento.
3 - Utiliza materiais e/ou recursos didáticos nas aulas	Para jogos criativos para composição coreográfica, relacionadas ao espaço, as ações, fragmentação de movimentos, níveis, etc.	Todo o tempo, tanto com as crianças quanto com os maiores.
4 - O trabalho lúdico pode ser desenvolvido com alunos de todas as faixas etárias ou apenas com as crianças	Sim, com qualquer faixa etária não só com crianças.	Sim, com certeza.
5 - Percebes maior abertura ou facilidade para trabalhar de forma lúdica nas turmas que atua	Sim, as vezes percebe uma abertura da turma para a ludicidade.	Sim, com as crianças onde tem maior facilidade de se trabalhar a imaginação ligada a movimentação.
6 - Relações e os limites que percebes entre dança e brincadeira	Começa com um jogo e termina em conteúdo de dança, a abordagem é lúdica, mas o conteúdo e contexto é de dança.	Usando a brincadeira como uma iniciação e ir inserindo elementos de dança e ao final fazer questionamentos.
7 - Participa das atividades com os alunos ou apenas conduz	Depende da situação e da turma, as vezes só conduz e as vezes faz junto.	Sim, mas as vezes é importante sair e ter um olhar de fora.
8 - Trabalha de forma lúdica esperando resultados pré-determinados	As vezes com um fim específico direto, diretamente relacionado com algum conteúdo que ia trabalhar, as vezes não.	As vezes sim, as vezes não, depende do objetivo da aula.
9 - Por que não trabalha de forma lúdica	Por causa do perfil dos alunos do EJA, onde são na maioria pessoas que tem uma realidade	

	diferente, que trabalham durante o dia e ainda estudam. Por esse motivo as aulas têm uma abordagem diferente e mais voltada para a cidadania.	-----
10 - Percebe diferenças na turma em relação à interação grupal ao trabalhar de forma lúdica	Percebe uma interação diferente com a relação aluno-professor, principalmente quando trabalha de forma lúdica. E na relação aluno-aluno é o mesmo relacionamento.	Sim, mas depende da disposição do professor em sala de aula com os alunos.
11 - Quais as dificuldades que percebes para trabalhar de forma lúdica	-----	-----
12 - Atividade lúdica	Jogos de composição coreográfica	Quadro de giz

Apêndice D – Transcrição das entrevistas com as professoras:

Transcrição da entrevista com a Professora Jaciara Jorge – maio de 2018

PERGUNTA 1: Trabalha de forma lúdica nas aulas de dança?

PROFESSORA JACIARA: Então, assim... quando eu trabalhava com series finais no ensino regular, eu trabalhava mais, daí eu pegava e trabalhava com os adolescentes assim... pré-adolescentes na verdade, entre 10 e 12, depois com adolescentes também entre 12 e 14 anos. Ai, eu via mais a necessidade de trabalhar com ludicidade nesse período, nessa faixa etária. Principalmente pros alunos do 6º ano, porque os alunos do 6º ano eles vinham já de uma realidade diferente, por que no estado a gente trabalha assim, nas series iniciais do ensino fundamental não tem disciplina de professores específicos por área, né, então não tem a área de artes, é um professor único que trabalha com todas as disciplinas né, professores do “CAT” como a gente chama de currículo né, ele vai desenvolver habilidades em artes, ciências, matemática, português, essas coisas... então, eles saem do universo onde eles estão em uma turma que passou a tarde inteira com um professor único e vão pra uma realidade que eles tem 9 professores, né, então eles vão ter 5 professores diferentes numa tarde, né, no caso que nem onde eu trabalhava lá, então uma hora eles... assim né, no 6º em função disso né, porque eles se sentem meio órfãos assim né, porque antes eles tinham uma tarde inteira pra executar uma prova, por exemplo, uma atividade demorava um século, eles tinham um outro tempo com uma professora única e daí o 6º ano era uma violência assim... (risos) o que acontece com as crianças, a maioria lida bem com isso mas tem gente que não lida bem, não se adapta e tal, então... eu usava a ludicidade pra envolver mais os alunos nessa faixa etária e fazer com que eles não sentissem tanto essas mudanças do 5º pro 6º ano né, então quando eu trabalhava com essas seriação no ensino regular eu fazia isso muito. Hoje em dia eu trabalho com EJA, então eu não uso mais tanto a ludicidade, não sei... não vou dizer que eu não uso porquê... as vezes a gente lança a mão de alguns recursos né, mas na grande maioria das vezes eu não uso os recursos né, eu trabalho mais... mais focado na formação cidadã assim, do que no trabalho com a ludicidade né.

PERGUNTA 2: Por que não trabalhas de forma lúdica?

PROFESSORA JACIARA: Eu acho que pelo perfil dos alunos que eu recebo né, eu tenho... talvez assim... nem sei se é só pelos alunos que eu recebo, mas enfim... é

na vibe da aula mesmo assim sabe, porque eles veem com outras, com outros problemas assim né... e vem de um dia inteiro de trabalho então... são mais aulas extrovertidas com foco na cidadania do que mais pelo foco da brincadeira assim, como um refúgio de aprendizagem, então é meio diferente assim, porque a maioria deles são adultos né, tenho alguns adolescentes também, mas adolescentes que já levam uma vida mais adulta assim, digamos né, que já trabalham, que preciso ajudar em casa então é uma outra realidade, então... eu faço outras abordagens com eles em função disso assim, mais por causa do perfil do público que eu to tendo hoje.

PERGUNTA 3: Pra ti, qual a importância de trabalhar de forma lúdica?

PROFESSORA JACIARA: Ah eu acho que no caso dos pré-adolescentes que eu trabalhava, eu acho fundamental porque eles já veem com uma vibe assim, da questão da brincadeira, do jogo assim, muito mais forte em função da idade assim né... e porque eu acho que isso auxilia de mais na prática com dança né, então a gente vai inserindo os conteúdos de dança de uma forma muito mais tranquila do que... se eu fosse só, como se diz, empurrar goela a baixo assim sabe, sem lançar mão dessa ludicidade que faz parte da vida deles né, que tá muito presente no cotidiano deles, assim, fora da escola mas dentro também, mas mais fora da escola. Parece que a escola é um ambiente que não... as vezes não favorece isso tanto né, mas que nas aulas a gente consegue desenvolver super bem.

PERGUNTA 4: Trabalhas de forma lúdica esperando resultados pré-determinados?

PROFESSORA JACIARA: Às vezes sim, as vezes sim, as vezes eu fazia uma atividade pensando que eles iam, bom... vamos lançar mão de certas atitudes, certos recursos que eu vou poder usar na minha proposta pra... de aula depois... as vezes não, as vezes era só pra... não com um objetivo mais direto ligado ao conteúdo, mas pra coisas que a gente precisaria pra aula, por exemplo, a turma tá muito agitada, tá assim... não tá dando pra trabalhar, a gente insere uma atividade mais lúdica pra chamar a atenção, pra não sei o que... pra depois começar a desenvolver outro conteúdo e tal. Então, eu usava mais como um recurso pedagógico mesmo. As vezes com um fim específico direto, diretamente relacionado com algum conteúdo que eu ia trabalhar, as vezes não.

PERGUNTA 5: Costumas utilizar materiais e/ou recursos didáticos nas aulas de dança?

PROFESSORA JACIARA: Sim, eu fazia... quando eu fazia jogos criativos pra composição, eu usava um dado gigante assim... e algumas cartas numeradas que... quando eu trabalhava com composição coreográfica, eu botava assim... algumas coisas nas cartas numeradas, por exemplo, relacionadas ao espaço, as ações, a característica de alguns movimentos, fragmentação do movimento, movimento lateral, cinesfera ampla, media, pequena, nível alto, médio e baixo, sabe, essas coisas. Ai a gente fazia esse jogo pra poder fazer um exercício de composição.

PERGUNTA 6: Acreditas que o trabalho lúdico pode ser desenvolvido com alunos de todas as faixas etárias ou apenas com as crianças?

PROFESSORA JACIARA: Acredito que sim, acredito que sim, muitas vezes assim a gente acha que só funciona com criança né, mas não! Funciona com adultos também, claro que o objetivo vai depender de cada turma e também do interesse da turma e tal... e do trabalho específico do professor, mas, eu acho que sim, eu acho que dá pra usar com qualquer faixa etária não só com crianças.

PERGUNTA 7: Dentre as turmas que trabalhas, percebes maior abertura ou facilidade em alguma delas para trabalhar de forma lúdica? Por que?

PROFESSORA JACIARA: Sim, assim, claro, as minhas turmas, elas mudam semestralmente no EJA né. Quando eu trabalhava no ensino regular isso mudava anualmente então assim... por ano eu tinha sei lá, umas 8, 12 turmas na escola, e daí a maioria das turmas no ensino regular tinha abertura pra isso. No EJA as vezes... as vezes tem, então quando eu vejo que tem uma brecha ai eu sempre tento, assim, organizar alguma atividade, nem que seja pra eles... criar um ambiente de aula mais agradável assim, porque as vezes eu vejo, percebo assim, que eles vem muito massacrados assim do dia, do trabalho né, no EJA, então as vezes eu lanço mão de alguma coisa mas não é... mas eu não trabalho com isso frequentemente no EJA. Não sei se eu te respondi (risos).

PERGUNTA 8: Ao trabalhar de forma lúdica, perceber diferenças na turma em relação à interação grupal?

PROFESSORA JACIARA: Percebo assim, percebo mais em relação a mim do que em relação a eles, porque normalmente nas turmas mesmo de EJA, eles já têm um envolvimento ali, já tem um envolvimento. No meu caso, no caso específico da escola que eu trabalho, como é uma escola de bairro é todo mundo mais ou menos vizinho assim né, ou é mais ou menos parente (risos), então eu tenho assim né, tem famílias inteiras que eu já fui professora assim oh, de tio, de mãe, sobrinho e filho. Porque daí eu dava aula no ensino regular depois comecei a trabalhar no EJA e acabei atendendo a família inteira, por exemplo né. Então eles já têm um envolvimento que é mais... não sei se é particular daquela escola né, mas eles já têm um envolvimento, mas eu vejo que quando eu lanço mão de alguns recursos lúdicos assim, o relacionamento deles comigo se diferencia sabe, parece que aproxima.

PERGUNTA 9: É dança? É brincadeira? Quais as relações e os limites que percebes entre essas duas coisas no ensino de forma lúdica?

PROFESSORA JACIARA; Então, eu... sempre digo assim que a gente... vamos começar com uma brincadeira sabe, vamos fazer um jogo, mas esse jogo nunca é... como eu vou dizer assim... inocente (risos) sabe, nunca é inocente, sempre tem alguma coisa por traz e quando eles descobrem isso que é legal, porque tudo... os elementos que eu uso no jogo eu uso na aula depois, então é legal eles verem esse processo assim sabe... oh a gente tá aqui jogando, tá fazendo isso, tá fazendo aquilo e agora vamos passar para o conteúdo? E daí o conteúdo não tem a mínima distância do que eles tinham feito no jogo. Então, então eles, olha que legal, dá pra fazer isso, dá pra fazer aquilo, então eles começam a entender como eu particularmente entendo que é dança, a abordagem é lúdica mas o conteúdo, o contexto é de dança, então é isso.

PERGUNTA 10: Costumas participar das atividades com os alunos? Ou seja, “faz junto” com eles as atividades ou apenas conduz?

PROFESSORA JACIARA: Então, as vezes eu faço junto, as vezes eu conduzo, vai depender, e as vezes eu só demonstro, por exemplo, porque as vezes eu faço algum jogo, por exemplo, quando eu vou trabalhar com... fazer alguns exercícios ritmos

assim, e eu vou... eu conduzo eu falo o que eles tem que fazer, as vezes eu faço junto e as vezes eu demonstro... começa assim, ai eu demonstro porque alguns tem facilidade, conhecem alguns exercícios, outros nunca viram então vai depender muito da turma e da situação.

PERGUNTA 11: Podes compartilhar comigo uma atividade lúdica que costumas trabalhar?

PROFESSORA JACIARA: Posso (risos), eu sempre... como eu gosto de trabalhar com composição, eu sempre faço jogo de composição então... essa coisa do dado que eu levo cartas assim, numeradas... eu gosto sempre de fazer porque dá um resultado super legal. Já fiz algumas vezes, tanto no ensino regular quanto no ensino de EJA assim né, e funciona nos dois bem. Então eu sempre divido em grupos... são duas coisas na verdade, eu divido em grupos.... dois jogos na verdade que eu faço... divido em grupos, uso dado pra fazer o jogo de composição, então um grupo sorteia pro outro né. Então eles vão fazendo, vão sorteando, como é que eles têm que fazer a movimentação, como que é a sequência, o espaço que eles têm que utilizar, o tempo, o fluxo e vou determinando coisas pro outro grupo executa. Então esse jogo eu faço muito. Eles ficam torcendo pra cair coisas difíceis porque eles sorteiavam pro grupo adversário assim né. Outra coisa que eu faço também que é nível de jogo assim... sabe como se fosse imagem e ação? Eu faço sempre com nome de filme e eles tem que fazer com mimica o filme pro próprio grupo né, o sorteio é pro grupo inverso mas a mimica é pro próprio grupo e depois que eles fazem isso, o jogo e tal, eles tem que recuperar a movimentação de certos jogos então eu faço o seguinte... eu faço o filme 1, o filme 2 e filme 3 e junto a movimentação dos 3 filmes pra eles começarem a montar sequencias baseado nas mímicas que eles fizeram, então... relacionado a mimica eles tem que ir modificando a partir de critérios que eu dou de modificação de movimento assim... básicos, mas tudo começa pelo jogo ali, começa pela tentativa de tradução corporal do nome do filme sabe e a partir daquela movimentação que eles executam a gente começa a trabalhar composição.

Transcrição da entrevista com a Professora Tauana Oxley – julho de 2018

PERGUNTA 1: Trabalha de forma lúdica nas aulas de dança?

PROFESSORA TAUANA: Sim, hããã... principalmente com os pequenos né, com os grandes... com os maiores a gente já consegue ter um trabalho mais técnico assim, com os pequenos que a gente tem que ter uma... um cuidado maior assim né, com a questão do movimento ainda não está bem, bem desenvolvida, o desenvolvimento motor então a parte lúdica ajuda bastante.

PERGUNTA 2: Pra ti, qual a importância de trabalhar de forma lúdica?

PROFESSORA TAUANA: Acho que uma das grandes coisas é tu trabalhar a imaginação da criança né, que a criança tem aquela, aquela questão da criatividade, da imaginação, hããã... da magia né, da fantasia que as vezes o adulto perde quando ele cresce, quando ele fica maior, meio que parece que endurece, e aí a gente usando esse lado da imaginação da criança a gente consegue entrar mais no mundo deles, aí consegue desenvolver bem melhor sabe, pelo menos eu com eles tenho percebido isso, com os pequeninhos, são... eles se dispõem mais a fazer do que eu chegar ali e passar uma coreografia, não tem sentido pra eles se é só a imagem do meu corpo mas agora por exemplo se eu propor uma atividade lúdica que eu vá fazer eles deitar no chão por exemplo e trabalhar com eles, sei lá, imaginem que vocês estão deitados em cima de uma nuvem, entendeu, que vocês vão trabalhar a leveza, alguma coisa assim, aí eles já ligam a imaginação deles ao movimento, acho que fica mais fácil assim.

PERGUNTA 3: Costumas utilizar materiais e/ou recursos didáticos nas aulas de dança?

PROFESSORA TAUANA: Sim, todo tempo. Inclusive com os maiores também mesmo... claro, acho que a questão com os pequenos é mais a questão da fala, além do material a fala, a forma como tu vai te dirigir a eles trabalhando o lúdico é que modifica em relação aos maiores, que eles já vão entender mas não significa que eu não vá usar também entende, com os pequenos eu uso bolas, bambolê, elásticos, cadeira, giz de cera, ou giz pra fazer um trabalho na folha de ofício que eles tenham que desenhar alguma coisa que a gente fez em aula e aí depois eu paro com eles como avaliação, distribuo folhas pra eles e giz e digo: “ah quero vocês, sei lá, desenhem um movimento que a gente fez hoje ou alguma das atividades, o que que

te passou?” Sabe, a gente trabalha isso, e também a questão de usar balão, uso bastante, materiais que são mais palpáveis pra eles, e ai depois de usar esses materiais eu peço pra que eles façam um movimento que eles utilizaram com aquele material, sem o material pra trabalhar a imaginação e movimento. E acho que é isso (risos).

PERGUNTA 4: Acreditas que o trabalho lúdico pode ser desenvolvido com alunos de todas as faixas etárias ou apenas com as crianças?

PROFESSORA TAUANA: Sim, com certeza. O que eu falei antes assim, eu acho o que modifica é a questão da fala mesmo né, que tu vai te dirigir as pessoas e as vezes o adulto ele tem uma certa resistência, um pouco, se tu vai trabalhar algo meio lúdico, as vezes tu tem que começar pelo que é concreto, pelo o que eles conhecem digamos assim, coreográfico, a maioria dos adultos é coreografia né, em relação a dança, é o que a mídia vende. Então as vezes se tu vai tá desenvolvendo um processo dentro do... que tu vai ficar um tempo, é mais fácil tu começar por ai que foi como eu fiz com os meus alunos maiores, eu comecei direto pela coreografia, trabalhei com eles o que eles conheciam, pesquisei com eles “o que vocês conhecem de dança? Ah professora, a gente conhece o rap, o hip hop, a dança de rua”, ainda sem meio que definir os termos, entendeu, aí eu comecei com isso, depois com o tempo apresentando vídeo, apresentando várias outras formas de fruição da dança que eu comecei a dança moderna, a dança contemporânea, que a gente trabalha um pouco mais essas coisas né, e aí introduzir pra eles. Eu fiz agora, antes da gente entrar de férias, eu fiz um trabalho com eles com as cadeiras, eu até tenho vídeo, de pois se tu quiser, onde eu trabalhava com eles a questão de dar as mão, fazia a roda com as cadeiras assim né, e eles subiam nas cadeiras e trabalhavam dando as mãos porque na escola antes tinham uma dificuldade de tocar no colega, ainda tem isso, e ai pra eles conseguirem ficar ali em cima né em equilíbrio era mais fácil que eles estivessem abraçados ou de mãos entendeu, e ai eu propus aquilo dali, ai eles “tá, mas...” ai eu digo se vocês querem ficar ai em cima e com equilíbrio vocês vão ter que se dar as mãos, não vai adiantar... ai sabe começou um e outro, ai trabalhando os níveis, sobe, desce, agacha, pega o objeto, levanta o objeto, desce o objeto, gira com o objeto, improvisa com o objeto, entendeu, tu vai dizendo pra eles as atividades e eles vão fazendo sabe, trabalho muito a questão das ações do Laban, levantar, agachar, girar,

pular, essas ações mais cotidianas e a partir disso daí trabalhar essa parte do lúdico e acho que serve isso pros pequenos, pros idosos também serve bastante né, porque além de ser uma coisa divertida é uma coisa que eles tão trabalhando o movimento né, e é uma coisa que depois quando tu tira eles tem uma bagagem de movimento pra fazer sem aquele objeto ou sem aquele material.

PERGUNTA 5: É dança? É brincadeira? Quais as relações e os limites que percebes entre essas duas coisas no ensino de forma lúdica?

PROFESSORA TAUANA: Eu acho assim oh, que tudo tem o seu limite né, entre uma e outra a gente pode usar a brincadeira como uma iniciação com certeza, principalmente as coisas que eles conhecem, vou te dar um exemplo tá, eu sou muito de dar exemplo prático porque eu acho que é melhor pras pessoas visualizarem. Por exemplo, brincadeiras folclóricas tá, brincadeiras que a gente faz desde a nossa infância, pra trabalhar com os alunos do terceiro ano ao quarto, quinto ano funciona bastante porque eles estão nessa fase da brincadeira em si mais de movimento, brincadeira de mão sabe, brincadeira de pular sapata, pular corda, correr, na hora do recreio é o tempo inteiro correria, brinca de pega entendeu, a gente pode começar usando isso na aula de dança como brincadeira, senta com eles depois e dizer “você percebem movimento nessa brincadeira? O que que de movimento a gente fez nessa brincadeira? O que que a gente faz de movimento no pular sapata? Ah a gente usa o pular, a gente usa o girar, a gente usa o agachar” aí eu digo “que tipo de níveis a gente trabalha?” Ai tu vai questionando e eles vão te respondendo, ai conforme for tu pergunta pra eles, isso pode ser dança? Uns vão dizer que sim outros vão dizer que não, tipo, o que que é dança pra você? Ah sei lá, é quando a gente faz vários movimentos em sequência e aí a gente conta? Conta pra fazer. Vai questionando entendeu, depois que tu chega numa resposta então bom, agora a gente vai fazer uma coreografia só com os movimentos que a gente usou na brincadeira entendeu, e aí pra gente aprender a gente tem que usar a concentração não vai ser só diversão, a gente vai se concentrar pra aprender, ai tá as vezes tu pedi pra um ou outro dá uma sugestão de movimento ai ou separa em grupos entendeu e ai eles vão montando ai depois a gente passa tudo, quando eles pegam o domínio disso, quando eles vão passar isso, sei lá, com uma música por exemplo, dentro de uma música aquilo se torna divertido entende, tu não deixa de usar uma brincadeira pra chegar num objetivo técnico mas

sem deixar a diversão de lado, é o que eu acho, com criança funciona assim, com adulto é meio que um processo inverso se for para pra pensar né porque tu vai começar com a coreografia em si e depois tu vai chegar e perguntar assim “você lembram que vocês faziam isso quando eram crianças? Você lembram que vocês pulavam, vocês giravam em tal brincadeira?” E aí tu usa isso pra buscar a diversão também, tu consegue entender isso? É uma coisa bem da prática entende, as vezes eu até conversava um pouco com alguns colegas da faculdade, que as vezes na universidade a gente se prende muito a teoria entendeu, e que a teoria é fundamental pra se ter registro, pra se ter aonde tu usar o autor, tu fazer a citação e dialogar com as tuas ideias, mas as vezes a prática ela tem que tá sempre ali junto, porque o nosso fazer é muito prático então acho que é de extrema importância sabe, acho que é isso.

PERGUNTA 6: Costumas participar das atividades com os alunos? Ou seja, “faz junto” com eles as atividades ou apenas conduz?

PROFESSORA TAUANA: Faço, faço. Enquanto o meu corpo me permitir eu vou fazer sempre entendeu, as vezes por exemplo, eu tenho umas limitações, eu tenho um problema no joelho tá, nos dois joelhos, então nem sempre eu consigo fazer sempre junto e acho que é importante as vezes a gente sair e ter um olhar de fora, de direção entendeu, pra ver se o troço não tá se perdendo porque as vezes tu tá fazendo o tempo inteiro junto, as vezes tem um fulaninho lá atrás que não tá percebendo, não tá fazendo e tá brincando, então as vezes tu sair, tu olhar de fora ajuda muito.

PERGUNTA 7: Trabalhas de forma lúdica esperando resultados pré-determinados?

PROFESSORA TAUANA: Às vezes sim, as vezes não, depende do meu objetivo ali naquela aula entende, as vezes a gente organiza um plano e acha que ele vai acontecer de uma forma e ele não vai acontecer, vai acontecer de outro jeito, as vezes melhor ou as vezes não tão como o esperado. Acho que depende muito do público, do aluno, da proposta que eu tô inserindo ali pra eles.

PERGUNTA 8: Ao trabalhar de forma lúdica, perceber diferenças na turma em relação à interação grupal?

PROFESSORA TAUANA: Ah sim, entre eles tu diz? Sim, eu tô ti dando a minha opinião né em relação ao meu trabalho dentro da escola, porque a gente sabe que entre a academia e a escola exista uma larga diferença né, entre aspas né, pela questão de que quando as pessoas vem pra academia, no espaço não formal, elas tão indo ali porque elas querem fazer as vezes tu tá dentro da escola, os alunos eles não são tão receptivos assim, ainda mais quando a gente é uma área nova entendeu, mas eu acho que com o tempo se tu tiver disposição, se tu tiver interesse, se tu for uma pessoa que tem noção que a tua área é uma área nova eu não vai ser do dia pra noite que isso vais e modificar entendeu, tu vai ter que indo aos poucos, isso não vai acontecer do dia pra noite, e quando acontece é maravilhoso, sendo bem sincera assim, eu faço 3 anos que eu tô na escola sabe, e do primeiro ano pra agora pro terceiro ano é uma diferença gigantesca entendeu, no primeiro ano eu não tinha nenhum espaço direito pra dar aula, especifico pra dar aula pratica, a gente tinha que arredar as cadeiras então agora eu tenho o meu próprio espaço, uma sala de dança lá, com tudo organizadinho então o olhar deles já muda entendeu, a aula da professora não é um bagunça, a gente tem uma rotina, eles sabem que tal período é aula com a professora Tauana e que é aula de dança, as vezes eu deixo uma aula antes dito pra eles, ah hoje vai ser aula pratica, ai não vai ser teórica, uma complementa a outra mas as vezes a gente dá uma separada mais, eles sabem que tem que ir pra sala de dança. Ai quando eles vão uns já avisam os outros, tipo, o que que é hoje, hoje é aula pratica ou aula teórica? Ah hoje é aula pratica, ah então chama fulano que ele tá lá no não sei o que, eles se envolvem entende com aquilo dali porque é uma atividade que é diferente de todas as outras que ele tem, é educação física e aula de dança, aula de arte no caso, é totalmente diferente do que eles tem. Continua, eu luto bastante pra que isso mude um pouco mas ainda é difícil.

PERGUNTA 9: Podes compartilhar comigo uma atividade lúdica que costumas trabalhar?

PROFESSORA TAUANA: Já citei várias né (risos), além das cadeiras, porque, principalmente em relação a sala de aula tá, como as vezes a gente tem pouco espaço e pouco estrutura a gente usa o que tem, nisso a gente tem que colocar muito e incentivar muito os alunos da universidade a usar o que a escola tem de material pra te proporcionar entendeu, cadeira e classe é o que mais tem entendeu, quadro, eu já

fiz uma atividade muito legal com os pequeninhos do pré e do primeiro ano tá, que foi separa o quadro em quatro partes tá, cada... mandava de 4 em 4 alunos na frente do quadro ok, e os outros ficavam de plateia e ai dava um giz colorido na mão de cada um deles e ai eles tinham que riscar e desenhar abstratamente, de forma abstrata no quadro o que a música tava passando pra eles entendeu, e funcionou super bem assim, ai eu coloquei umas músicas mais instrumental ou músicas que eles conhecem que eles me sugeriam né, pra eles fazer essa atividade funcionou bastante, e ai depois trocava e ai o que que eu incentivava, eu incentivava os que estavam assistindo, depois deles estarem fazendo a apresentação a aplaudir então além de tá formando alunos que façam o movimento que produzem, que sejam criativos, alunos que respeitem aqueles que estão lá fazendo entendeu, formando público que é extremamente importante, o que é uma coisa extremamente simples entendeu, a gente ficou 20min fazendo isso e eles adoraram porque, pela questão deter que esperar um grupo de cada vez ir entendeu, e ah a professora sempre incentivar, ah plano alto, plano médio, plano baixo, gira e tal sabe as vezes, quando um tá meio que com vergonha ou não sabe mais o que fazer e tornar isso dinâmico, esse é um exemplo.

Apêndice E – Material didático lúdico: